

**Escola de Ciências Sociais e Humanas**

**Departamento de Psicologia Social e das Organizações**

O conhecimento e acesso ao script de base segura e a perceção de suporte social  
em mães com crianças em idade pré-escolar

Irina Cristiana Lemos Ferreira Branco

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora: Professora Doutora Lúgia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar  
Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE

27 de Fevereiro, 2014

**Escola de Ciências Sociais e Humanas**

**Departamento de Psicologia Social e das Organizações**

O conhecimento e acesso ao script de base segura e a perceção de suporte social  
em mães com crianças em idade pré-escolar

Irina Cristiana Lemos Ferreira Branco

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora: Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar  
Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE

27 de Fevereiro, 2014

### **Agradecimentos**

*“Não me esqueci de nada, mãe.  
Guardo a tua voz dentro de mim.  
E deixo-te as rosas.  
Boa noite. Eu vou com as aves.”*

Eugénio de Andrade

A presente dissertação de mestrado corresponde ao culminar de um percurso de aprendizagem e investigação que permitiu, antes de mais, operar uma mudança na maneira como olho o mundo.

O conhecimento, sendo o fogo que aquece o espírito, é o resultado de uma colheita comum, cuja essência e grandeza repousam sobre essa arte, por vezes esquecida, da gratidão.

Ao longo deste tempo, contemplei a dádiva de quantos me rodeavam e encontrei na sua sabedoria o tónico indelével que me fará prosseguir a jornada. Uma jornada minha. Uma jornada nossa. Uma jornada de partilha com todos. A qual não poderia iniciar sem antes agradecer:

À Professora Doutora Manuela Calheiros, na qualidade de coordenadora do Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores, pelo privilégio de ter podido usufruir da sua experiência e conhecimento.

À Professora Doutora Lúcia Monteiro, na qualidade de orientadora da dissertação, pela delicadeza e sabedoria que sempre colocou ao serviço deste propósito comum, que é tanto meu quanto seu.

À Professora Doutora Manuela Veríssimo pelo importante contributo no processo de cotação das narrativas de representação da vinculação em adultos.

Ao corpo docente, do Mestrado em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores, pela entrega à sua missão de me transmitirem os preciosos mapas do conhecimento que me guiaram neste trajeto.

Às instituições que me acolheram, ao seu corpo diretivo, às educadoras de infância e às famílias que generosamente aceitaram participar neste trabalho de investigação.

Ao meu marido Eduardo, por ser o alicerce e a pedra angular, instando a que a palavra “desistência” estivesse sempre afastada do meu léxico.

Ao meu filho Pedro Afonso, pela mudança que opera todos os dias na minha vida, mostrando-me que os ensinamentos que recebi perpassam as fronteiras da academia e trazem luz ao desafio da maternidade.

À minha mãe Fátima, por ser o farol e o porto de abrigo, a figura de vinculação que sempre me embala com a sua presença.

Ao meu pai José António, pelo seu apoio e orgulho que manifesta ao ver-me cumprir o compromisso de percorrer este caminho.

À minha irmã Andreia, por ser a minha companheira de viagem, a minha melhor amiga, e a tia carinhosa que me permitiu encontrar tempo para concluir este projeto.

Às colegas de mestrado, Ricarda Aguinha, Ana Pires e Sara Nascimento pela coragem e dedicação de comigo partilharem esta descoberta.

## Resumo

Inserido numa perspetiva de desenvolvimento e enquadrado pela teoria da vinculação, o presente estudo analisou o conhecimento e acesso ao script de base segura de 33 mães de crianças em idade pré-escolar utilizando as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos. Testaram-se alguns aspetos metodológicos do referido instrumento (controlando, por e.g. a competência verbal) e, por fim, analisou-se a relação entre o script de base segura e a percepção materna de satisfação com o suporte social. Recorreram-se a diferentes tipos de medidas: *Narrativas de representação da vinculação em adultos; Índice de Compreensão Verbal e a Escala de Satisfação com o Suporte Social*.

Os resultados alcançados indicam valores aceitáveis de fiabilidade e validade interna do instrumento. Obteve-se, contrariamente a dados anteriores, uma correlação marginalmente significativa entre o script materno e o índice de compreensão verbal. Nesta amostra as mães acedem e utilizam o script de base segura na produção de narrativas que remetem para conteúdos da vinculação. Apenas uma dimensão da percepção do suporte social, Atividades Sociais, se encontra relacionada com a qualidade do script materno. Os resultados foram discutidos no contexto da teoria da vinculação de Bowlby e Ainsworth, e do Suporte Social Percebido.

*Palavras-Chave:* Modelos Internos Dinâmicos, Script de Base Segura, Suporte Social Percebido.

### **Domínio Científico:**

2800 Developmental Psychology

2900 Social Processes & Social Issues

### **Abstract**

Inserted in a development perspective and framed by the Attachment Theory the present study is brought up upon the knowledge and access to secure base script of 33 mothers with children in preschool, using the Narrative Assessment of Adult Attachment Representations. Some methodological requirements of this assessment instrument were tested (e.g. verbal competence control) and also analyzed the relationship between secure base script and the satisfaction with maternal perceived social support. Different types of instruments were used during this work: Narrative Assessment of Adult Attachment Representations, Verbal Comprehension Index and Social Support Satisfaction Scale.

The results achieved indicate acceptable levels of reliability and internal validity of the used assessment instrument. The study shows, contradicting previous data, a marginally significant correlation between maternal scripts and the Verbal Comprehension Index. In the present sample, mothers accessed and used the secure base script to produced narratives that refer to attachment contents. Only one dimension of the perceived social support, Social Activities, is connected with the maternal script quality. Results have been discussed according to the Attachment Theory by Bowlby and Ainsworth and the Perceived Social Support.

*Keywords:* Internal Working Models, Secure Base Script, Perceived Social Support.

#### **Classification Categories:**

2800 Developmental Psychology

2900 Social Processes & Social Issues

## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>II</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>IV</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>V</b>
<b>Índice.....</b>	<b>VI</b>
<b>Índice de Quadros.....</b>	<b>VIII</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Enquadramento Conceptual.....</b>	<b>3</b>
1. Teoria da Vinculação: Conceitos Centrais e Vinculação na Infância .....	3
2. Sistema de Cuidados Parentais.....	8
3. Modelos Internos Dinâmicos na Idade Adulta .....	10
3.1. Script de base segura .....	15
4. O Suporte Social na Idade Adulta .....	19
4.1. Suporte Social: O Constructo.....	19
4.2. Suporte Social Percebido .....	20
5. Os Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação na Idade Adulta e o Suporte Social Percebido.....	21
6. Objetivos .....	24
<b>Capítulo II - Método.....</b>	<b>26</b>
1. Participantes .....	26
2. Instrumentos.....	26
2.1. Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Veríssimo, sd).....	26
2.2. Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado).....	27
2.3. Índice de Compreensão Verbal: WAIS – III Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – 3ª Edição (Rocha, 2008, Wechsler, 1997) .....	28
2.4. Escala de Satisfação com o Suporte Social (Pais-Ribeiro, 1999, 2011).....	29

3. Procedimento.....	30
<b>Capítulo III - Resultados.....</b>	<b>32</b>
1. Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos .....	32
1.1. Validade Interna.....	32
1.2. Validade Discriminativa.....	33
1.3. Script de base segura materno .....	33
1.4. Análise das relações entre as variáveis sociodemográficas e os valores script de base segura materno .....	34
2. Escala de Satisfação com o Suporte Social.....	35
2.1. Suporte Social Percebido .....	35
2.2. Análise das relações entre as variáveis sociodemográficas e a percepção do suporte social.....	35
3. Script de Base Segura Materno e Suporte Social .....	36
<b>Capítulo IV – Discussão .....</b>	<b>37</b>
<b>Referências.....</b>	<b>43</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>52</b>
Anexo A - Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Veríssimo, s.d).....	53
Anexo B – Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado.....	55
Anexo C – Índice de Compreensão Verbal WAIS – III Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – 3ª Edição (Wechsler, 1997, Rocha, 2008) .....	56
Anexo D – Escala de Satisfação com o Suporte Social (Pais-Ribeiro, 1999, 2011) .....	61
Anexo E – Carta de Apresentação aos Jardins de Infância .....	62
Anexo F – Consentimento Informado/Pedido de Autorização.....	63



### **Índice de Quadros**

Quadro 1- Correlações intra e inter histórias com conteúdo de base segura .....	32
Quadro 2 - Correlação entre os compósitos das histórias com script de base segura e as histórias neutras .....	33
Quadro 3 - Médias e desvios padrão (DP) para os valores de script de base segura .....	34
Quadro 4 - Médias e Desvios Padrão para as 4 dimensões e total do suporte social .....	35

## Introdução

Segundo Bowlby (1988) o comportamento da figura de vinculação é organizado num “sistema de cuidados parentais” recíproco ao sistema comportamental de vinculação da criança. Neste sentido, George e Solomon (2008), consideram que a análise e compreensão deste sistema constitui-se como uma mais valia, na medida em que possibilita um olhar para as relações de vinculação sob a perspetiva parental.

De modo a melhor compreender a associação entre a qualidade dos comportamentos parentais (ao nível da sensibilidade, responsividade, disponibilidade, acessibilidade), e os “modelos internos dinâmicos” (MID) de vinculação dos pais, diversos autores (ver meta análises De Wolff & van Ijzendoorn, 1997; van Ijzendoorn, 1995), têm vindo a salientar a importância de analisar outras variáveis. Entre estas, o “suporte social”, mais especificamente, a percepção que as figuras parentais têm do suporte social, é referida. Um olhar sistémico sobre a família, os recursos familiares e as variáveis contextuais, poderá contribuir para a compreensão destas relações.

Coble, Gant, e Mallinckrodt (1996) referem que as experiências vividas na infância, no seio das relações de vinculação, têm impacto no desenvolvimento de um conjunto de competências sociais, necessárias para que na idade adulta o indivíduo saiba prover ou recorrer ao suporte social. Sugere-se, assim, que indivíduos com padrões de vinculação e MID seguros estão mais predispostos a fornecer e a recorrer ao suporte social (Coble et al., 1996). Apesar da investigação em torno da influência da qualidade dos MID na percepção do suporte social não ser extensa, sendo, particularmente, explorada no domínio da psicologia social, os resultados vão no sentido de que estilos de vinculação seguros tendem a promover níveis elevados de percepção do suporte social na idade adulta (e.g. Collins & Feeney, 2004).

Para além de uma discussão conceptual, do ponto de vista metodológico outras questões se colocam, nomeadamente, Coble et al. (1996) salientam a necessidade destes estudos utilizarem outras medidas que não apenas as de autorrelato/autopreenchimento (e.g. questionários). Neste sentido, o presente estudo procura aceder aos modelos internos dinâmicos de vinculação na idade adulta, utilizando as Narrativas de Representação de Vinculação em Adultos (Waters & Waters, 2006), que acede ao conhecimento implícito do sujeito acerca das representações de vinculação.

Assim, o objetivo do presente estudo é o de contribuir para uma melhor compreensão do sistema de cuidados parentais maternos, centrando-se, em particular, na análise da compreensão e acesso ao script de base segura de mães com crianças em idade pré-escolar;

assim como, na sua percepção face à qualidade de suporte social existente. Procura-se discutir, estas relações entre vinculação e suporte social, não só do ponto de vista conceptual, mas, concomitantemente, analisando, também, aspetos metodológicos.

## Capítulo I – Enquadramento Conceptual

### 1. Teoria da Vinculação: Conceitos Centrais e Vinculação na Infância

A teoria da vinculação visa explicar os processos pelos quais os relacionamentos se constroem, mantêm e dissolvem, refletindo sobre o modo como estas relações podem influenciar os indivíduos ao longo do seu ciclo vital (Rholes & Simpson, 2004). Segundo de Bowlby (1979, p. 129) “ (...) especially evident during early childhood, attachment behavior is held to characterize human beings from the cradle to the grave”. Não pretendendo ser uma teoria geral das relações, a teoria da vinculação dedica-se ao estudo das componentes específicas dos relacionamentos afetivos mais próximos/íntimos estabelecidos pelos indivíduos (relações das crianças com os seus pais, relações entre o casal e os laços afetivos entre pais e filhos) (Waters, Corcoran, & Anafarta, 2005).

A teoria da vinculação é resultado do trabalho conjunto desenvolvido por John Bowlby e Mary Ainsworth. Bowlby assentou os princípios basilares da sua teoria nos modelos teóricos da Etologia, da Cibernética, do Processamento de Informação, da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicanálise. O seu interesse, nesta área, visava compreender os efeitos psicopatológicos da privação materna na infância e para tal procurou identificar os processos desta relação (Marvin & Britner, 2008).

Na perspetiva de Bowlby (1958; 1997) um aspeto central da teoria da vinculação reside nas bases biológicas dos comportamentos vinculativos, visando estes, em última instância, a proteção da criança dos perigos do meio, através da proximidade desta ao cuidador. Assim, a procura de proximidade é considerada um comportamento adaptativo, e característico dos primeiros anos de vida.

Bowlby (1997) descreve cinco sistemas comportamentais: I) sistema comportamental de vinculação, II) sistema exploratório, III) sistema do medo, IV) sistema da sociabilidade/socialização e V) sistema de cuidados (Cassidy, 2008; Marvin & Britner, 2008). Para além do sistema comportamental de vinculação, Bowlby tinha, também, interesse na compreensão dos sistemas exploratório da criança, assim como, no sistema de cuidados parentais (Rholes & Simpson, 2004). No âmbito do presente trabalho o sistema de vinculação/exploração (*fenómeno de base segura*) e o sistema de cuidados parentais serão aqueles que, face aos nossos objetivos, merecerão um maior enfoque na revisão de literatura.

Os comportamentos de vinculação organizam-se dentro do que Bowlby (1997) denominou por sistema comportamental de vinculação. Este sistema envolve uma organização cujos componentes são de natureza comportamental, cognitiva e emocional, sendo ativado em

função de objetivos específicos e em resposta a determinados estímulos/sinais internos ou externos (Sroufe & Waters, 1977). Segundo Bretherton, (1985) este sistema é tido como permanentemente ativado, contudo, com diferentes níveis de intensidade.

O sistema comportamental de exploração encontra-se relacionado com o sistema comportamental de vinculação. Neste sentido, a ativação do segundo, face a uma eventual situação de perigo sentida pela criança/bebé, diminui a intensidade de atividade do sistema exploratório. A possibilidade de exploração do meio, acontece apenas quando a criança tem assegurada a proteção e a proximidade, ou percepção face à disponibilidade da sua figura de vinculação – “secure base from which to explore” (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Sroufe & Waters, 1977). É, deste modo, no equilíbrio entre estes dois sistemas, mais do que cada um considerado *per se* (fenómeno de base segura) que reside a sua importância para o desenvolvimento da criança (Cassidy, 2008). Falamos, portanto, do conceito de base segura, o qual remete para a figura de vinculação, como a base a partir da qual a criança parte para explorar o meio, sabendo que a ele poderá regressar em caso de necessidade ou apenas para partilhar momentos de afeto quando necessário (porto de abrigo) (Waters & Cummings, 2000).

A conceptualização da relação de vinculação não pretende, e não deve, ser entendida como sinónimo de “laço social”, nem extensível a todas as componentes das relações filhos-pais, ou dos adultos (Bretherton, 1985; Waters & Cummings, 2000). Como tal, para a definição de uma relação de vinculação a presença das seguintes classes de comportamentos revela-se imprescindível: I) manutenção de proximidade, II) figura de vinculação como um porto de abrigo, III) ansiedade face à separação e IV) figura de vinculação como base segura (Bowlby, 1997). Por volta dos 12 meses de idade, estes comportamentos são já facilmente observáveis na criança, sendo a sua orientação claramente focalizada nos cuidadores significativos, quando em interação com os mesmos.

Mary Ainsworth testou empiricamente os pressupostos delineados por Bowlby sobre a construção da relação de vinculação ao longo dos primeiros anos de vida, e introduziu conceitos basilares na teoria como o conceito de base segura e de sensibilidade materna (Bretherton, 1985, 1992). Assim, segundo Bowlby (1997; Waters & Cummings, 2000) o desenvolvimento da vinculação na criança ocorre em quatro fases: 1ª fase (0-3 meses) – orientação e sinais com discriminação limitada das figuras; 2ª fase (3-6 meses) – orientação e sinais dirigidos para figuras discriminadas; 3ª fase (6-24 meses) – utilização do indivíduo como porto de abrigo (procura de conforto diferenciada) e como base segura (exploração diferenciada) que se traduz na manutenção da proximidade com uma figura discriminada,

através da locomoção e de sinais; e 4ª fase (24-30/+ meses) – relação recíproca corrigida por objetivos. O desenvolvimento dos comportamentos de vinculação, enquanto inseridos num sistema organizado, pressupõem a capacidade cognitiva da criança para manter mentalmente a imagem da figura de vinculação, mesmo quando esta não está presente (Bowlby, 1988). Segundo Bretherton (1985), a organização do sistema de vinculação ocorre por volta dos 6 meses.

Característica central nos comportamentos parentais, quando se analisa a qualidade das relações de vinculação, é a sensibilidade e responsividade, dois conceitos considerados cruciais, por Bowlby (1988) e Ainsworth et al. (1978). A sensibilidade é definida pela sintonia e adequabilidade na interpretação por parte da figura de vinculação, dos sinais da criança, e na consequente resposta dada. Tal pressupõe, também, a atenção ao meio envolvente e respetivos constrangimentos, no sentido do tipo de suporte a oferecer ser o mais ajustado possível à situação que o ativa (Ainsworth et al., 1978; George & Solomon, 2008; Lucassen et al., 2011). O conceito de responsividade está intimamente ligado ao anterior, na medida em que se espera que uma figura de vinculação sensível e responsiva seja capaz de identificar, interpretar e responder adequadamente aos sinais da criança mas, também, validar as suas necessidades e sentimentos, respeitando-a e procurando que esta se sinta amada, cuidada e compreendida (De Wolff & van IJzendoorn, 1997; Reis & Shaver, 1988).

Na perspetiva de Ainsworth et al. (1978) o comportamento materno tem uma influência considerável na relação de vinculação estabelecida entre a criança e a mãe, resultando a organização dos comportamentos de base segura da interação entre as competências adquiridas na infância e a existência de um ambiente que se constitua como porto de abrigo (Ainsworth, 1969). O trabalho desenvolvido pela autora, nomeadamente as observações naturalistas da interação mãe – bebé em casa e a aplicação da Situação Estranha, constituíram-se como uma contributo notável, na medida em que abriram portas à expansão da investigação científica no âmbito da teoria da vinculação, como também permitiram a identificação de um conjunto de variáveis ligadas aos cuidados parentais cruciais para a organização dos comportamentos de base segura. Estas variáveis organizam-se em quatro escalas (Ainsworth, 1969; Ainsworth et al., 1978):

A Sensibilidade (vs. Insensibilidade) aos sinais e comunicações do bebé. A mãe sensível é aquela que é capaz de perceber o ponto de vista da criança e conseqüentemente ver as coisas sob o seu prisma. Atenta aos sinais da criança, interpreta-os corretamente, o que se traduz numa resposta adequada e atempada. Normalmente, a criança recebe aquilo que pretende, e quando tal não acontece, a mãe tende a comunicá-lo de forma delicada. Por outro lado, mães

com tendência para distorcer os sinais da criança, interpretando as mensagens e dando resposta tendo em conta, apenas, as suas necessidades, apresentam comportamentos denominados de insensíveis. Relativamente à escala de Aceitação (vs. Rejeição) das necessidades do bebé, remete para os sentimentos positivos e negativos da figura materna relativamente à criança, e a forma como aquela consegue lidar e resolver os mesmos. Assim, uma mãe altamente rejeitante é aquela que sente raiva e ressentimentos para com o filho e que frequentemente se queixa referindo que este interfere negativamente na sua vida. Outra forma de rejeição passa pela negação dos desejos da criança ou uma disposição mental permanente para censurar ou irritar-se com aquela. Em contraposição, encontramos uma figura materna com elevado grau de aceitação do seu filho, como alguém que lida positivamente com os constrangimentos temporais que o papel materno acarreta. A escala Cooperação (vs. Interferência) remete para uma mãe excessivamente intrusiva na medida em que não respeita a autonomia, efetua um controlo excessivo e procura moldar o comportamento da criança sem ter em conta os desejos desta. No extremo oposto, encontramos a mãe altamente cooperante, que respeita o seu filho como um ser individual. Estas mães, normalmente, procuram organizar o meio envolvente de forma a que não seja necessário tomar total controlo sobre as situações, sendo que em ocasiões nas quais a tomada de controlo seja inevitável, esta procura agir de tal forma que a criança deseje fazer aquilo que a mãe quer que ela faça. A Acessibilidade física e psicológica (vs. Ignorar e negligenciar) refere que uma figura materna que ignora a criança é aquela que tende a estar essencialmente centrada em si e nos seus pensamentos e afazeres, acabando por nem reparar ou reconhecer os sinais que a criança procura transmitir. A atenção materna apenas se volta para a criança, quando a mãe assim o entende. Por outro lado, mãe acessível é aquela que apesar das suas restantes responsabilidades não deixa jamais de estar atenta e responder aos sinais da criança.

Desde os trabalhos realizados por Ainsworth, diversas têm sido as contribuições empíricas que enriqueceram o conhecimento no que concerne à influência da qualidade dos comportamentos parentais na qualidade das relações vinculativas. No que respeita à figura materna, quer a meta análise de De Wolff e van IJzendoorn (1997) (k= 66, N= 4,176 díades) como a de Atkinson et al. (2000) (k= 41, N=2,243 díades) revelaram resultados bastante consistentes entre elas, na medida em que as correlações encontradas entre a sensibilidade materna e a segurança da relação de vinculação na criança foram moderadas (.24 e .27 respetivamente). Estes resultados indicam que a sensibilidade materna é uma característica importante nos comportamentos maternos e que consistentemente, em diversos estudos, se encontra associada com a qualidade da vinculação, contudo, indica também que existirão

outras variáveis que devem ser consideradas, quer ao nível dos comportamentos dos próprios pais quer, por exemplo, ao nível da relação do casal, da rede de suporte social, entre outras.

Ainsworth, apesar de se ter focalizado, essencialmente, nas questões em torno da relação de vinculação da criança aos seus pais, especialmente à figura materna, enfatizou a importância do fenómeno de base segura nas relações adultas no decorrer da vida ao preferir que uma relação de vinculação segura é aquela que facilita o funcionamento e competência fora da relação (Canavarro, Dias, & Lima, 2006). Também Bowlby reconhece a relevância da vinculação ao longo do ciclo vital, “from de cradel to the grave” manifestando-se através de pensamentos, emoções e comportamentos relacionados com as questões de proximidade e procura de suporte/apoio, mas também de dar suporte (Bowlby, 1988).

Waters e Cummings (2000) referem a existência de relação entre o padrão de vinculação na infância e os relacionamentos (íntimos) estabelecidos na idade adulta, na medida em que o padrão de interações com a figura de vinculação primária poderá, em parte, determinar o padrão de interações nos relacionamentos íntimos futuros. Uma das principais diferenciações encontradas entre a vinculação na idade adulta e a vinculação na infância, prende-se sobretudo com o facto de que, durante a infância as crianças desempenham o papel do indivíduo que procura segurança e proximidade, enquanto os cuidadores (figuras de vinculação), são aqueles que providenciam a satisfação das necessidades atrás mencionadas. Na idade adulta, face à presença de uma relação de vinculação, entre um casal, ambos procuram e proveem proximidade e segurança (relação simétrica e complementar) (Hazan, Gur-Yaish, & Campa, 2004) tratando-se, portanto, de alternadamente servir ou procurar o outro como base segura (Waters & Cummings, 2000).

As experiências precoces de vinculação têm, também, um impacto significativo na parentalidade, em particular no sistema de cuidados parentais (George & Solomon, 2008). A investigação tem demonstrado que na idade adulta este sistema é, em parte, determinado pelas experiências vivenciadas, nos primeiros anos de vida, com as figuras de vinculação (e.g. Grossmann, Grossmann, & Waters, 2005; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985; Waters et al., 2005).



## 2. Sistema de Cuidados Parentais

Like many other sorts of social relationship, the parent-child relationship is a complementary one. Thus, the behavior of a mother is usually quite different to that of her child. Nevertheless, in the ordinary course of events the behavior of the one is the complement of that of the other. This bring us back to attachment. (Bowlby, 1997, p. 377).

Bowlby (1988) descreve os cuidados parentais como “the prime role of parents and complementary to attachment behavior” (p.165).O enfoque na perspectiva parental nas relações de vinculação nem sempre foi alvo de especial atenção por parte da investigação e mesmo quando esta se estendeu para além da infância (Bretherton, Biringen, & Ridgeway, 1991) o foco permaneceu na perspectiva da criança. Neste sentido, os cuidados à criança são encarados como uma das principais componentes da natureza humana, bem como uma dimensão de grande importância nas relações amorosas e elemento constituinte das diversas formas de comportamentos prossociais (Mikulincer & Shaver, 2007).

O desenvolvimento do sistema de cuidados consiste numa complexa transação entre aqueles que são os fatores biológicos e as experiências vividas. Assim, constituiu-se como principal objetivo do sistema de cuidados parentais a promoção da proximidade pais-filhos, com a função biológica adjacente de proteção (Cassidy, 2000; George & Solomon, 2008). George e Solomon (1999, 2008) definiram o sistema de cuidados como um conjunto de comportamentos parentais os quais pretendem promover a proximidade e conforto (proteção e sobrevivência da cria enquanto principal função adaptativa), nas situações em que os pais (ou seus substitutos) se apercebam que a criança esteja a vivenciar uma situação de perigo, potencial ou efetivo (e.g. separação, medos da criança, desconforto ou stress sentido pela criança). No seguimento desta situação as figuras parentais colocarão em ação diversos comportamentos (ativação do sistema) ligados à função protetora deste sistema (e.g. manter proximidade, pegar, chamar, observar, sorrir). Assim que a aproximação (física ou psicológica) à criança acontece e esta se encontra confortada ocorre a desativação do sistema de cuidados parentais (Cassidy, 2000; Mikulincer & Shaver, 2007). Importa referir que tal como as interações crianças-pais envolvem outros sistemas, além do sistema de vinculação, o mesmo acontece com as figuras parentais, que em interação com os seus filhos ativam outros sistemas comportamentais que não o sistema de cuidados parentais. É, portanto, através deste sistema que são postas em exercício as funções de uma figura de vinculação: *providing a safe haven* e *providing a secure base for exploration* (Bowlby, 1997). Assim, o sistema de

vinculação da criança e o sistema de cuidados das figuras parentais enquanto sistemas comportamentais complementares, atuam conjuntamente para manter a proximidade desejável e o equilíbrio entre os sistemas Bowlby (1997).

As experiências construídas no âmbito desta relação, a qualidade da relação e, também, do meio envolvente, tornarão o indivíduo em alguém mais forte e sábio, motivando-o no sentido de proporcionar proximidade e segurança à criança.

O sistema de cuidados parentais tem na sua génese o sistema comportamental de vinculação e os MID de vinculação do indivíduo (componente integrante do sistema de vinculação, ao nível representacional) cuja construção ocorre durante a infância, no contexto das relações de vinculação. Este sistema engloba, assim, representações mentais do sujeito enquanto cuidador, da criança enquanto recetora dos seus cuidados e das relações pais-criança. Estas representações mentais guiarão os comportamentos de cuidados parentais do sujeito, influenciando as suas expectativas, sentimentos e ações enquanto pai/mãe (George & Solomon, 1989; 2008).

George e Solomon (1989; 1999; 2008) e Mikulincer e Shaver (2007) apresentam nos seus trabalhos evidência empírica que sustenta a importância da qualidade da vinculação estabelecida na infância, quer nas representações mentais dos adultos relativas aos cuidados parentais, quer no que diz respeito ao comportamento dos indivíduos em interação com as crianças. Importa, no entanto, referir que este sistema, ao nível cognitivo, é regulado por um modelo de relações distinto, contando com uma trajetória de desenvolvimento e de organização mental diferente dos MID concernentes às relações de vinculação. Assim, apesar de ter o seu início na infância, o sistema de cuidados atinge o auge do seu desenvolvimento na transição para a parentalidade (George & Solomon, 2008). Em suma, Cassidy (2000) sublinha que apesar de ser na infância que os indivíduos iniciam a construção de um conjunto de representações mentais do *self*, do outro e do mundo, a investigação sugere, que na idade adulta os indivíduos não só desenvolvem representações de si próprios enquanto figuras parentais, como também dos seus filhos. Neste sentido, estas representações, irão influenciar os seus comportamentos parentais (Bretherton, 1985).

A ideia de que as experiências passadas determinam, em parte, a parentalidade é abordada por autores como Sroufe e Fleeson (1986) ao sugerirem que os bebés aprendem os dois lados da relação diádica, nomeadamente, como é ser um bebé por um lado, enquanto por outro, como é o comportamento de uma figura parental. A teoria da vinculação tem sugerido que os indivíduos que durante o primeiro ano de vida estão sujeitos a cuidados sensíveis, em contraposição às crianças expostas a cuidados insensíveis e marcados pela inconsistência,

tendem a considerar o seu cuidador como responsivo, desenvolvendo sentimentos de segurança e confiança com ele (McFarland-Piazza, Hazen, Jacobvitz, & Boyd-Soisson, 2012).

A questão que tem vindo a ser colocada, prende-se, conforme nos refere Cassidy (2000), com qual dos dois fatores assume maior importância: se as experiências vividas na infância ou as representações mentais atuais acerca das experiências de vinculação. Recorrendo à *Adult Attachment Interview* (AAI), a investigação tem constatado que nas situações em que as representações mentais atuais acerca das experiências de vinculação são distintas das experiências vividas na infância (pais que reportaram de forma coerente experiências de vinculação inseguras/experiências negativas na infância mas classificados como seguros: *earned secure* na AAI), as representações mentais atuais dos adultos tendem a ter um cariz mais determinante no padrão de vinculação dos filhos e na qualidade dos comportamentos parentais (Pearson, Cohn, Cowan, & Cowan, 1994).

### **3. Modelos Internos Dinâmicos na Idade Adulta**

Every situation we meet with in life is constructed in terms of the representational models we have of the world about us and of ourselves. Information reaching us through our sense organs is selected and interpreted in terms of those models, its significance for us and for those we care for is evaluated in terms of them, and plans of action conceived and executed with those models in mind. On how we interpret and evaluate each situation, moreover, turns also how we feel. (Bowlby, 1998b, p.229).

A criança, através de interações contínuas com os outros e com o ambiente circundante, vai construindo modelos internos dinâmicos (MID)/representações mentais, cada vez mais complexas, do mundo, dos outros, e do self (Bowlby, 1997, 1998a). Por seu lado, Main et al. (1985) definem o conceito de MID de vinculação como um conjunto de regras, que podem funcionar ao nível do consciente e/ou inconsciente (Bretherton, 1985, 1999), importantes para a organização da informação ao nível das experiências, sentimentos e idealizações relativas à vinculação, permitindo, ou bloqueando, o acesso a essa mesma informação.

Ao longo do tempo, as crianças constroem representações mentais das suas experiências de base segura, sendo estas representações encaradas como centrais para Bowlby, na medida em que as experiências precoces de vinculação se encontram relacionadas com o desenvolvimento da criança (Waters et al., 2005). No decorrer do desenvolvimento afetivo e cognitivo do indivíduo modelos mais complexos surgirão em substituição dos anteriores. O

conceito de MID, ao implicar a existência de representações mentais, oferece ao ser humano a capacidade para imaginar interações e conversas com os outros, baseadas nas experiências passadas com essas pessoas (Bowlby, 1998b; Bretherton, 1985).

A construção dos MID de vinculação tem o seu início por volta dos 12 meses de idade da criança, atingido o seu auge de atividade entre os 24 e 36 meses, altura em que esta adquire a linguagem. Considerando-se que estes modelos vão incorporar as representações da criança relativamente à forma como espera que o mundo se comporte, como a sua mãe e outras figuras importantes na sua vida se comportam, como esperam que ela própria se comporte e de que modo estas diferentes representações irão coordenar-se entre si (Bowlby, 1997).

Os comportamentos de vinculação e interações associadas vão, gradualmente, sendo representados enquanto padrões organizados ao nível comportamental e posteriormente mental (Vaughn, Waters, Coppola, Cassidy, Bost, & Veríssimo, 2006). Inicialmente, estes modelos desenvolvem-se através de padrões de interação sensório-motores e afetivos, através dos quais a criança apreende a realidade atuando dentro dela, o que lhe permitirá desenvolver e organizar um sistema de esquemas que serão interiorizados. Só mais tarde evoluem para modelos internos dinâmicos de cariz mais generalizado e abstrato (Fivush, 2006), assumindo uma importância inegável na emergência das relações de vinculação (Bowlby, 1988). Bretherton (1999) realça a perspectiva de Piaget na conceção dos MID de Bowlby, exaltando a importância do desenvolvimento da tomada de perspectiva, que se traduz na capacidade da criança para construir os MID do mundo sob o ponto de vista do outro.

Nos primeiros anos de vida, os MID encontram-se acessíveis apenas nos contextos de reconhecimento e de antecipação de curto prazo, sendo que, só mais tarde, a criança será capaz de planear e testar mentalmente diversas alternativas, ao nível do comportamento face a uma dada situação (Bretherton, 1999).

Enquanto parte integrante do sistema comportamental de vinculação (Bretherton, 1985) os MID são o resultado dos padrões de interação quotidianos com as diferentes figuras de vinculação, como tal, e uma vez que falamos de relações com figuras distintas, os MID desenvolvidos serão, também eles, específicos para cada uma delas (Bretherton, 1999; Bretherton & Munholland, 2008). Realce-se, no entanto, o facto de originariamente se encontrarem interligados e posteriormente se transformarem em MID distintos, do self e dos outros (Bretherton, 1985). Os modelos do self darão, assim, à criança a capacidade para que ela compreenda em que medida é ou não aceite pelas suas figuras de vinculação, enquanto os modelos do mundo e do outro possibilitam à criança perceber quem é a figura de vinculação, onde a pode encontrar e como é que ela se comportará. Em suma, através destes modelos a

criança conseguirá determinar quão responsiva e acessível será a figura de vinculação caso esta necessite de recorrer aquela (Bowlby, 1998a).

Bretherton (1985) referia que os MID dos pais face às suas relações de vinculação na infância guiam o comportamento do indivíduo enquanto figura de vinculação no futuro, recorrendo para tal aos modelos das suas figuras parentais ou do self. Segundo Bretherton (1985) não são os MID relativos à figura de vinculação *per se* que determinam a transmissão intergeracional dos padrões de vinculação, mas antes, a forma como estes são interpretados na idade adulta.

Com o desenvolvimento da psicologia cognitiva e de metodologias que permitiram o acesso e avaliação das representações de vinculação (Main et al., 1985) a investigação nesta área alcançou um patamar diferente. A mudança para o nível das representações, pressupôs um olhar mais atento no que diz respeito quer à organização cognitiva, quer à reconstrução das experiências de vinculação vivenciadas na infância (van IJzendoorn, 1995). Neste sentido, duas abordagens distintas permitem o acesso aos MID de vinculação. A primeira, concretiza-se através dos comportamentos, recorrendo-se para isso à Situação Estranha, enquanto na segunda abordagem, os MID de vinculação são inferidos recorrendo-se a questionários e entrevistas que procuram analisar a consciência dos sujeitos adultos relativamente às suas experiências de vinculação na infância (George & Solomon, 1989).

Tendo tornado possível aceder às diferenças individuais relativamente às conceptualizações dos adultos face ao relacionamento com os pais (Waters & Waters, 2006), a AAI pretende, através de uma entrevista semiestruturada, analisar as experiências de vinculação do indivíduo com a sua família de origem, procurando compreender a análise que os indivíduos fazem destas relações e dos acontecimentos específicos a elas associados, levando-os a refletir sobre a influência das mesmas na sua personalidade atual (Bretherton & Munholland, 2008; Hesse, 2008). A AAI procura fornecer informação relativamente à contribuição dos pais para a relação de vinculação com os seus filhos, tendo sido empiricamente comprovada a ligação entre aquelas que são as representações dos pais e os padrões de vinculação das crianças avaliadas através da Situação Estranha (van IJzendoorn, 1995; Hesse, 2008). Com este instrumento, tornou-se possível perceber em que medida as relações de vinculação na infância funcionam como um protótipo para os MID de vinculação na idade adulta, bem como possibilitou a investigação ao nível da relação entre a vinculação na idade adulta e a sua ligação à personalidade, casamento ou parentalidade (Grossmann et al., 2005; Waters & Waters, 2006).

A avaliação das experiências vividas na infância, a par do impacto das mesmas na vida do

indivíduo, encontram-se organizadas num *state of mind* (representação mental) relativamente à vinculação (van IJzendoorn, 1995). É, portanto, este *state of mind* do sujeito (organização do indivíduo face à forma como ele responde a questões ligadas à vinculação, a episódios de interações específicas ou à reflexão que o mesmo faz sobre o assunto específico) que a AAI avalia, tornando-se possível aceder à organização do MID geral do indivíduo. Resultante desta avaliação os sujeitos podem ser classificados: como autónomos (seguros), desligados (inseguros), preocupados (inseguros) ou não-resolvidos/desorganizados (Bretherton & Munholland, 2008; Hesse, 2008). A coerência da narrativa verbalizada pelo adulto (um dos parâmetros de cotação do instrumento), ao longo do procedimento, tem sido considerada como a melhor preditora de segurança da vinculação nos filhos dos sujeitos submetidos a esta entrevista (Bretherton & Munholland, 2008). A investigação tem, concomitantemente, demonstrado que os adultos classificados como seguros-autónomos são indivíduos que tendem a fornecer mais suporte, apresentando comportamentos mais estáveis no seio das suas relações de vinculação na idade adulta (relações românticas ou de parentalidade) (Bretherton & Munholland, 2008; Hesse, 2008).

Ao longo de décadas, a sensibilidade tem sido considerada um importante veículo de transmissão das representações mentais de vinculação dos pais para os seus filhos, sendo estas expressas através de comportamentos mais ou menos sensíveis quando em interação com as crianças (Hesse, 2008; van IJzendoorn, 1995). Bretherton e Munholland (2008) reiteram esta ideia ao referirem que os MID relativos às relações de vinculação são transmitidos às crianças através da qualidade das interações pais-filhos e através da comunicação aberta relativamente às emoções e relações.

A compreensão da relação de vinculação da criança torna-se mais clara quando é possível perceber como são construídos os modelos internos dinâmicos do cuidador (pai/mãe ou seus substitutos), o que os compõe e de que modo estes modelos se relacionam com os MID de vinculação da criança (George & Solomon, 1989). Assim, quando falamos dos MID relativos ao sistema de cuidados temos de falar de dois conceitos essenciais: conteúdo e processo. Relativamente ao primeiro, o self do cuidador deverá abarcar três dimensões orientadoras na interação com a criança: a predisposição para responder, capacidade para compreender os sinais da criança e a eficiência nas estratégias adotadas. Outra característica destes modelos é o processo, ou seja, a capacidade do indivíduo para processar informação relevante para a relação em questão, na medida em que a qualidade da informação que o sujeito conscientemente tem à sua disposição terá um impacto determinante no modo como estes modelos estão adaptados à relação específica (George & Solomon, 1989). George e Solomon

(1989) exaltam a associação entre os modelos das crianças e os das suas mães, ao referirem que nas relações com um padrão de vinculação seguro, mãe e criança possuem a capacidade para em conjunto trabalharem na prossecução dos seus objetivos (*goal corrected partnership*).

Aquando o início de novas relações os indivíduos transportam consigo a sua história de experiências pessoais e interpessoais que moldam a forma como pensam, sentem e se comportam nas relações (Collins, 1996), ou seja, falamos de modelos cognitivos e representacionais que têm o seu início na infância, no decorrer das interações pais-filhos, e são posteriormente transportados para as novas relações, orientando a forma como estas são conduzidas e como o universo social do sujeito é construído (Collins, 1996). Os MID de vinculação organizam, assim, os comportamentos de vinculação dos sujeitos, medeiam as diferenças individuais no estilo/padrão de vinculação e explicam a estabilidade destes estilos/padrões ao longo da vida dos mesmos sujeitos (Collins, 1996; Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2004).

As novas relações que os indivíduos vão tendo ao longo da vida, potenciam a evolução das suas representações mentais, não obstante a influência dos modelos internos dinâmicos de vinculação construídos na infância. Apesar de durante a infância os MID se encontrarem abertos à mudança, dependendo de alterações significativas na qualidade dos cuidados parentais, (Bretherton & Munholland, 2008) estes, com o desenvolvimento da criança, vão-se tornando cada vez mais estáveis através de experiências repetidas no tempo, acabando por se generalizar. Ou seja, inicialmente, estas estruturas cognitivas são específicas da relação criança-pai/mãe, contudo, estes modelos vão-se transformando em representações mais abstratas quer do indivíduo quer do seu universo social (Collins, et al., 2004). Importa, portanto, referir que como modelos complexos e multifacetados que são, os MID de vinculação, devem ser encarados como uma rede de modelos interligados e organizados de forma hierárquica. No topo piramidal encontramos os modelos que remetem para representações gerais sobre o self e sobre os outros, seguindo-se os modelos relativos a domínios específicos, como são as relações românticas e de parentalidade, e finalmente, os modelos de relações específicas, que remetem para relações particulares dos sujeitos (Collins et al., 2004).

### 3.1. Script de base segura

Segundo Waters e Rodrigues Doolabh (2001) a história individual de interações entre a criança e a figura de vinculação é representada na memória sob a forma de um script de base segura. Se o suporte de base segura vivenciado pelo indivíduo foi consistente e adequado, o script será completo, bem consolidado, e de fácil acesso, em situações que remetam para conteúdos ou experiências de vinculação. Assim, uma história de suporte efetivo e credível tenderá a ser generalizada, enquanto expectativa que a figura de vinculação estará “sempre” acessível e disponível, seja enquanto porto de abrigo ao qual a criança poderá regressar, seja enquanto base segura e a partir da qual poderá explorar o ambiente físico e social em segurança (Waters & Waters, 2006). A longo destas interações o indivíduo vai construindo não só representações do que é procurar e receber suporte mas, também, o que é dar esse suporte. Embora abertas a revisão e mudança, estas crenças construídas no contexto das relações com os cuidadores, na idade adulta servirão de ponto de partida para crenças mais gerais do indivíduo, quer seja acerca das relações românticas, quer de relações de parentalidade (Wais & Treboux, 2003). Assim, apesar de estáveis no tempo a idade e experiência do indivíduo vão tornando estes esquemas mais elaborados e flexíveis (Fivush, 2006).

Bretherton (1985) utiliza o conceito de scripts ou esquemas de eventos, definido pela psicologia cognitiva (e.g. Schank & Abelson, 1977) como uma estrutura de conhecimento contendo uma sequência causal de eventos que ocorrem numa dada situação. O acesso a estes scripts, inicialmente, é de cariz voluntário, contudo, vai-se tornando involuntário à medida que recorremos a eles com maior regularidade (Dykas, Woodhouse, Cassidy, & Waters, 2006). Segundo Bretherton é através das interações (de base segura) com os pais, que as crianças desenvolvem um script sobre o modo como os eventos se desenrolam, ou seja, quando confrontadas com uma situação relevante do ponto de vista da vinculação, as crianças recorrerão ao script de base segura que possuem, o qual contem a forma como os pais e como elas responderão ao episódio em questão (Dykas et al., 2006). Neste sentido, desenvolvidos em interação com figuras específicas, caracterizam-se como a matéria-prima com a qual as crianças constroem os MID e constituem-se, por isso, como ferramentas úteis na abordagem daquelas que são as diferenças individuais no que concerne ao desenvolvimento dos scripts de vinculação nas diferentes relações (Bretherton, 1999). A abordagem do script surge, portanto, como resposta à necessidade de análise da estrutura cognitiva dos MID e do seu impacto nos comportamentos, cognições e afetos não só nos primeiros anos de vida, mas ao longo do ciclo



vital.

Estas representações permitem ao indivíduo antecipar, prever, e interpretar as experiências do quotidiano (Schank & Abelson, 1977), tornando-se possível não só especificar as ligações temporais e causais, como igualmente remeter para um conjunto de ações e expectativas subjacentes a determinado evento familiar (Waters e Rodrigues-Doolabh, 2001).

Bakermans-Kranenburg (2006) sugere a existência de duas possíveis abordagens aos scripts de base segura. Assim, numa primeira abordagem, os scripts constituem-se como parte integrante das representações mentais de vinculação, sendo que em situações comuns que têm por base experiências anteriores, os scripts gerais guiarão o comportamento do indivíduo. Neste sentido, aceder aos scripts de base segura significa aceder a parte das representações mentais de vinculação. Um segundo modelo proposto pelo autor sugere os scripts de base segura enquanto a base das representações de vinculação, as quais resultam das experiências vividas na infância. Assim, do lado dos pais, os scripts são constituídos por comportamentos de prestação de cuidados, que ajudam o sujeito a organizar o seu comportamento parental, funcionando como ponte entre as representações mentais relativamente à vinculação e a sensibilidade parental na interação com a criança (Bakermans-Kranenburg, 2006, p. 277).

Inseridas numa abordagem psicodinâmica e desenvolvimentista da psicologia, as narrativas inserem-se no conjunto de instrumentos que não dependem de uma autoavaliação consciente por parte dos participantes (Ravitz, Maunder, Hunter, Sthankiya, & Lancee, 2010). Assim, pretende-se que a partir de quatro conjuntos de palavras sugestivas os indivíduos produzam histórias com conteúdo relevante do ponto de vista da vinculação (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004). Apesar dos scripts de organização das experiências familiares serem de conhecimento implícito, tal organização transparece quando se pede aos adultos que construam narrativas, ou seja, se os indivíduos tiverem conhecimento e acesso ao script de base segura, crenças e expectativas que remetem para este script serão ativadas e guiarão o sujeito na organização das palavras sugestivas e por conseguinte na produção da sua história (Waters & Waters, 2006).

O conteúdo de base segura de cada narrativa é avaliado em termos de um protótipo de script de base segura (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001), ou seja, a cotação das histórias é efetuada em termos da presença e qualidade do script de base segura evidente em cada história. A presença e qualidade destes scripts foram demonstradas por Vaughn et al. (2006) como um aspeto estável das representações maternas de vinculação e de que a medida das narrativas é eficaz na captação do script nas histórias produzidas. O protótipo de script de base segura engloba uma sequência de eventos no qual: I) o cuidador apoia a exploração da

criança; II) mantém-se disponível, responsivo e serve como um recurso se necessário; III) a criança encontra um obstáculo/ameaça e sente-se assutada/medo; IV) procura o cuidador ou este dirige-se até ela; V) a situação de perigo é resolvida ou removida; VI) a proximidade e/ou contacto com o cuidador conforta a criança de forma eficaz e finalmente VII) a criança regressa novamente à brincadeira/exploração sendo o equilíbrio restabelecido (Waters & Waters, 2006). É, deste modo, possível perceber que a base segura (pais/companheiro) ajudará o outro (criança/companheiro) a lidar com uma situação de stress, promovendo o restabelecimento do equilíbrio e retorno à normalidade. Para que se verifique tal organização, nas histórias elaboradas pelos sujeitos, a “base segura” deverá ajudar o outro na seleção e implementação de estratégias que visem normalizar a situação vivenciada, difundindo ou evitando sentimentos de angústia e facilitando a mudança para outras atividades, podendo, em função da idade da criança, ajudá-la a compreender o ocorrido. Compete também à “base segura” salientar o lado positivo das experiências, bem como ser sensível ao estado emocional do outro. Uma narrativa com conteúdo de base segura focaliza-se, portanto, na interação entre as personagens e não apenas na descrição de acontecimentos, denotando-se a cooperação entre elas, bem como a reciprocidade emocional. O objetivo é, portanto, facilitar a exploração, incentivando a ocorrência de experiências positivas (Rodrigues, Zevallos, Turan, & Green, 2003). É no conhecimento e acesso a este script que reside a diferença entre adultos com representações seguras e aqueles com representações inseguras. Importa, no entanto, referir que uma medida que vise avaliar a qualidade do script de base segura não captará todas as componentes dos MID de vinculação, mas tentará antes perceber se o indivíduo tem conhecimento e acesso a este tipo de script que agora abordamos (Dykas et al., 2006).

Segundo Waters e Rodrigues-Doolabh (2001), o mesmo script organiza os comportamentos dos sujeitos, quer nas histórias de interação adulto-criança, quer nas histórias de interação adulto-adulto, sendo, por isso, possível falar da existência de um script único e geral. A investigação demonstrou a universalidade deste script ao verificar em amostras de diversas culturas e etnias que os sujeitos organizavam as relações de vinculação em torno de um script de base segura (e.g. Rodrigues et. al, 2001; Coppola et al., 2006; Vaughn et al., 2007). Vaughn et al. (2006) constataram, ainda, a estabilidade temporal destes scripts de base segura.

O script de base segura será, assim, uma ferramenta mental que guia os comportamentos parentais na interação com os seus filhos. Coppola, Vaughn, Cassibba, e Constantini (2006) verificaram numa amostra de mães, uma relação positiva e significativa entre a qualidade do script e a coerência na AAI ( $r=.33, p<.05$ ); e entre a qualidade do script e a sensibilidade

materna ( $r=.58$ ,  $p<.01$ ), relação esta que vem demonstrar a validade preditiva das Narrativas, bem como a ligação existente entre o conhecimento e acesso ao script de base segura e a qualidade dos comportamentos maternos.

Ao nível das amostras portuguesas existe, também, evidência empírica que atesta que pais e mães portugueses organizam as representações de vinculação em torno de um script de base segura geral e abstrato (Monteiro & Veríssimo, 2010; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost, 2008; Vaughn et al., 2007; Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, & Waters, 2005).

Dado que os scripts são considerados os alicerces das estruturas cognitivas e que são avaliados recorrendo-se a medidas como as narrativas, é possível que possa existir associação entre as capacidades cognitivas/verbais do indivíduo e a qualidade do script encontrado. Por exemplo, Coppola et al. (2006) verificaram que a qualidade do script e o nível de educação das mães estava associado, contudo, quando controlado este último, a qualidade do script de base segura foi preditora da sensibilidade materna.

Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) através dos dois cenários que remetem para episódios familiares, sem ligação ao fenómeno de base segura (neutros), verificaram que nem as histórias mãe-criança, nem as histórias adulto-adulto se encontravam significativamente correlacionadas com as histórias neutras, sugerindo assim que este instrumento não pretende avaliar as competências cognitivas/verbais do indivíduo, mas sim o conteúdo de base segura da história elaborada. Monteiro et al. (2008) verificaram também a ausência de correlações entre as histórias com conteúdo de base segura e as histórias neutras, numa amostra de pais e mães portuguesas, indicando assim que este instrumento não avalia, de forma significativa, a capacidade ao nível da produção e narrativas.

A abordagem dos scripts enquanto representações de experiências de base segura aumentará, certamente, aquele que é o entendimento relativamente às cognições, emoções e comportamentos, ligados à vinculação (Bakermans-Kranenburg, 2006).

#### 4. O Suporte Social na Idade Adulta

“(…) looking after babies and young children is no job for a single person (…) a society in which parents of young children are left on their own with a chronic insufficiency of help take this state of affairs as its norm.” (Bowlby, 1988, p.2, 3)

##### 4.1. Suporte Social: O Constructo

O suporte social é definido como um constructo complexo que abarca múltiplas dimensões (aspetos objetivos e aspetos subjetivos do social), que podem ser abordadas a diversos níveis (Sarason & Sarason, 2009). Considerado estável ao longo do tempo, e das situações vivenciadas pelos sujeitos, Sarason, Levine, Basham, e Sarason (1983) definem-no através da “existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam conosco, nos valorizam e gostam de nós.” (p.127).

De acordo com Pierce, Sarason, Sarason, Joseph, e Henderson (1996) o suporte social constitui-se por três componentes que se influenciam mutuamente:

I) Os esquemas de suporte, definidos como estruturas de conhecimento, que contêm as expectativas do indivíduo relativamente à abertura do contexto social, e sobre como os outros lhe irão prestar apoio quando este necessitar. É de sublinhar a importância que o apoio parental possui na construção destes esquemas, uma vez que é este suporte parental que, posteriormente, orientará as crianças ao nível dos seus comportamentos sociais.

II) As relações apoiantes, outra das componentes, prendem-se com as expectativas acima descritas, contudo, relativamente a relações específicas e ao tipo de resposta esperada em cada relacionamento de suporte que o indivíduo mantém.

III) As transações (interpessoais) apoiantes remetem para o facto de numa relação apoiante ambos os intervenientes serem provedores e recetores de suporte, o que irá determinar a existência de interações comportamentais (suporte emocional ou instrumental) entre as partes. Importa sublinhar que ambos, provedores e recetores, são dotados de cognições, sentimentos e estilos comportamentais distintos (Sarason & Sarason, 2009).

Estas interações envolvem esforços por parte do recetor de suporte para conseguir a ajuda do outro, a prossecução dos comportamentos apoiantes por parte do indivíduo que oferece suporte e aceitação daqueles por parte de quem procura o apoio. Importa referir, que apenas estamos perante comportamentos apoiantes, subjacentes a relações de suporte social, quando os comportamentos perpetrados são considerados como apoiantes não só por parte de quem oferece, mas, simultaneamente, por parte de quem usufrui (Pierce, et al., 1996). O suporte

social pode ser, ao nível de quem o fornece, informal ou formal. O primeiro remete para os familiares, amigos, vizinhos/conhecidos e para os grupos sociais (e.g. clubes, igrejas), enquanto o suporte formal abrange as organizações ou profissionais específicos (e.g. hospitais, serviços de saúde, serviços sociais, médicos, assistentes sociais) (Calheiros & Paulino, 2007; Dunst & Trivette, 1990; Pais-Ribeiro, 2011). Podemos, ainda, distingui-lo a dois níveis: “suporte social percebido” e recebido, remetendo o primeiro para o suporte que o sujeito percebe como disponível caso necessite dele, enquanto o segundo remete para o suporte efetivamente recebido (Cramer, Henderson, & Scott, 1997).

Uma das perspetivas de abordagem deste constructo remete para a sua função moderadora (fator protetor) face ao stress. No entanto, importa não esquecer que para ser efetivo o suporte social terá de ser apropriado à situação causadora de stress. Outra abordagem a este constructo centra-se na disponibilidade do suporte independentemente das circunstâncias vivenciadas. Nesta abordagem, o suporte social é constituído como componente da personalidade, que por sua vez irá influenciar as várias dimensões da vida do sujeito e o modo como esta se desenrola. Sarason e Sarason (2009) ao utilizarem as duas abordagens referidas, constituíram o suporte social enquanto conceito bidirecional, ou seja, aquilo que os sujeitos trazem para as situações assume um nível de importância comparado com aquilo que as situações trazem para os sujeitos. Neste sentido, os autores questionam até que ponto o suporte social, ou a ausência do mesmo, é um resultado do contexto ou um reflexo da personalidade do sujeito.

#### **4.2. Suporte Social Percebido**

No que concerne às percepções face ao suporte social e ao suporte social recebido importa clarificar que estamos perante dois conceitos distintos. Neste sentido, definindo-se o primeiro como a percepção do sujeito face à disponibilidade do suporte, caso este entenda aceder ao mesmo, as relações encontradas entre o suporte social percebido e o suporte social recebido têm sido consideradas modestas (Sarason, Pierce, Shearin, Sarason, & Waltz, 1991). Sarason, Pierce, Bannerman, e Sarason (1993), por seu lado, definem o suporte social percebido como o sentimento de que se é querido e valorizado pelos outros e como sendo relativamente estável, mesmo em períodos da vida marcados por mudanças significativas (Sarason, Sarason, & Sherin, 1986).

A percepção do suporte social tende a reduzir os medos de falhar e a antecipação dos perigos, predispondo-se o sujeito a correr certos riscos, devido à disponibilidade que este percebe por parte daqueles que lhe são significativos e que lhe prestarão apoio caso este

necessite (Sarason & Sarason, 2009).

Sarason et al. (1991) numa investigação, realizada com estudantes universitários, na qual procuraram perceber a relação entre o nível de suporte social percebido e as percepções dos estudantes acerca de si próprios e dos outros, verificaram num primeiro estudo que visava perceber a associação entre o suporte social percebido dos participantes e os seus modelos dinâmicos relativos aos pares, que os indivíduos que obtiveram valores mais elevados no *Social Support Questionnaire* (SSQ) tendiam a ser mais cuidadosos e menos negativos nas suas opiniões face à avaliação do bem estar do outro, assim como a percepção de suporte social elevada estaria relacionada com os modelos de interação decorrentes do quotidiano familiar. Num segundo estudo, efetuado com a mesma amostra, acrescentando os pais e amigos destes estudantes, os autores procuraram perceber a relação entre a disponibilidade e satisfação com o suporte social percebido e a forma como as pessoas se viam a elas próprias, como as pessoas significantes na sua vida as viam e como os outros as viam, verificando que os sujeitos que percebem o suporte social como disponível, e se encontram satisfeitos com o mesmo, têm uma autopercepção mais positiva e detentora de menos características negativas, acreditando que os outros têm uma opinião similar à sua (Sarason et al., 1991). Usufruir de suporte social, quando necessário, contribuirá também, na perspetiva de Sarason et al. (1993), para que os indivíduos possuam uma autoimagem mais positiva.

## **5. Os Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação na Idade Adulta e o Suporte Social Percebido**

Ainsworth colocou no centro da sua investigação a importância da sensibilidade e responsividade do cuidador como fatores potenciadores de relações de vinculação seguras (Ainsworth et al., 1978; Belsky & Fearon, 2008).

Considera-se, no entanto, importante a complementaridade da análise ao nível contextual destas relações. Não só nas situações em que a intergeracionalidade da transmissão da qualidade da vinculação não se verifica mas, também, no sentido de aprofundar a compreensão ao nível de outras variáveis que poderão contribuir para esta transmissão (van Ijzendoorn, 1995).

Mikulincer e Shaver (2007) referem que uma abordagem ao nível do contexto e das variáveis pessoais que têm impacto na qualidade dos cuidados parentais faz com que estas se possam constituir como variáveis moderadoras, no que concerne à possível relação entre o padrão de vinculação dos pais e os cuidados parentais prestados por estes. Diversos estudos indicam que o suporte social constitui-se como um fator importante para a organização

comportamental dos pais, passível de promover a qualidade dos cuidados parentais e consequentemente ter impacto no desenvolvimento das relações de vinculação das crianças (Belsky & Fearon, 2008). Neste sentido, ao analisar variáveis de contexto e sociais, Belsky (1996) concluiu que a qualidade dos recursos familiares (relação conjugal, suporte social e relação família-trabalho) se relacionava com os padrões de vinculação seguros encontrados.

A investigação tem sugerido que a avaliação do suporte social percebido poderá refletir características da personalidade do sujeito e não apenas a presente disponibilidade dos outros para o ajudar (Sarason et al., 1991). Decorrente do que foi dito, Sarason et al. (1993) concluíram que as percepções dos indivíduos, face à disponibilidade do suporte social, encontram-se relacionadas com a forma como as suas figuras parentais os veem. Deste modo, não só as características do sujeito, como também as daquele que fornece suporte e a relação existente entre ambos, desempenham um papel crucial nas percepções do suporte social do primeiro.

Apesar da disponibilidade do suporte social ser uma condição imprescindível para que o indivíduo possa usufruir do mesmo esta não é, no entanto, suficiente. Para que tal suceda é necessário que o indivíduo possua um repertório de “competências sociais”, bem como um conjunto de crenças e disposição ao nível da personalidade, promotoras da procura de suporte em caso de necessidade (Coble et al., 1996)

A capacidade para confiar e estabelecer relações íntimas constituem-se como duas competências cruciais para aceder ao suporte social. Paralelamente, a investigação tem confirmado que padrões de vinculação seguros na infância estão relacionados com a maior capacidade para, na idade adulta, os indivíduos providenciarem suporte social aos outros (Crowell & Feldman, 1991).

É durante a infância, no contexto familiar e com os pares, que os indivíduos aprendem a relacionar-se socialmente. A investigação tem sugerido que a aquisição das competências sociais em cima mencionadas se encontra relacionada com a responsividade e qualidade dos cuidados parentais (Cohn, 1990; Coble et al., 1996). Cohn (1990) refere que a qualidade da relação pais-filhos poderá desempenhar, por exemplo, uma influência fulcral no desenvolvimento das relações das crianças com os seus pares, enfatizando que as diferenças nos padrões de vinculação estão relacionadas com as relações sociais fora da família, na medida em que a qualidade da relação da criança com as figuras parentais vai determinar a forma como ela espera que os outros se comportem. Ou seja, contrariamente às crianças com padrões de vinculação inseguros, crianças com padrões de vinculação seguros, tendem a desenvolver MID's das figuras de vinculação como responsivas e acessíveis, e por sua vez

MID's de si enquanto merecedoras de amor (Bowlby, 1998).

Os modelos internos dinâmicos do self e dos outros medeiam, segundo Main et al. (1985), a relação entre as experiências pessoais do sujeito e o impacto das mesmas no ajustamento do indivíduo. Neste sentido, e segundo Sarason et al. (1991) e Coble et al. (1996) os modelos dinâmicos do sujeito constituem-se como a lente através da qual o sujeito analisa os comportamentos e sentimentos do outro, sendo por isso expectável que indivíduos com relações de vinculação seguras sejam mais recetivos a estabelecer relações de suporte social.

Jacobson e Frye (1991) numa amostra de 46 primíparas, que usufruíam de um programa de ajuda alimentar, constataram, que a qualidade do suporte social disponível, no caso de mães sujeitas a elevados fatores de stress, baixo nível socioeconómico e isolamento social, promove o desenvolvimento de relações de vinculação seguras das crianças no primeiro ano de vida. O bem-estar maternal encontrava-se, também, relacionado com o padrão de vinculação das crianças. É sugerido que a ausência de suporte social terá maiores consequências ao nível do desenvolvimento afetivo, do que no desenvolvimento cognitivo.

No estudo de Crockenberg (1981) verificou-se que elevados níveis de suporte social se encontravam, de modo consistente, associados à segurança da qualidade da relação de vinculação das crianças com as mães, e que baixos níveis de suporte social se encontravam associados a elevada resistência, evitamento e relações marcadas pela ansiedade. Baixos níveis de responsividade materna encontravam-se associados a padrões de vinculação inseguros, mas apenas quando o suporte social era baixo.

Em amostras de adolescentes verifica-se que o suporte social se encontra associado ao state of mind relativamente à vinculação (avaliado através da AAI), funcionando como mediador ao nível da relação entre o state of mind preocupado e os sentimentos de solidão (Larose & Bernier (2001).

Sarason et al. (1993) ao procurarem compreender as possíveis origens das percepções dos indivíduos face ao suporte social, numa amostra de 262 estudantes universitários e recorrendo a medidas de autorrelato/autopreenchimento, verificaram que a avaliação (positiva/negativa) que os pais fazem das características dos filhos se encontra relacionada com a autoimagem destes. Constataram, ainda, que a experiência de aceitação na relação com cada um dos pais está relacionada com a descrição das características (positivas/negativas) dos filhos realizadas pelas figuras parentais. A visão que os pais têm dos filhos foi, também, considerada preditora da percepção que os últimos têm do suporte social.

Sarason et al. (1986) numa amostra de estudantes universitários, verificaram que as percepções que estes tinham das suas relações parentais eram preditoras das percepções de



suporte social. Assim, enquanto representações de padrões comportamentais (avaliados através de uma medida de autorrelato/autopreenchimento: *Parental Bonding Instrument*) baseados na superproteção materna estavam associados a uma satisfação social baixa, no caso da figura paterna, a postura superprotetora relacionava-se com uma menor quantidade de suporte social. A baixa percepção de suporte social encontra-se relacionada com a solidão, depressão, ansiedade e hostilidade, para além do facto dos indivíduos com suporte social elevado, quando comparado com os sujeitos com baixo suporte social, caracterizarem as suas relações parentais como mais marcadas pela existência de cuidados afetuosos e solicitude.

Belsky e Fearon (2008) mencionam um conjunto de estudos (e.g. Crockenberg, 1981; Burchinal, Follmer, & Bryand, 1996; Smith, Landry, & Swank, 2000) cujos resultados são indicadores da importância do suporte social na promoção de relações de vinculação seguras entre a criança e a figura materna. Estes são, contudo, na sua maioria realizados com amostras consideradas de risco (e.g. bebés com temperamentos difícil, mães afro-americanas de nível socioeconómico baixo, filhos de mães abusivas ou negligentes, mães de bebés prematuros). Diversos trabalhos, com amostras normativas, não encontraram qualquer relação entre as variáveis, sugerindo a utilização de modelos de moderação em futuras investigações, contemplando fatores de risco e de proteção (Belsky & Fearon, 2008).

## 6. Objetivos

Este estudo visa como primeiro objetivo analisar o script de base segura materno, utilizando as Narrativas de Representação da Vinculação em adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado) contribuindo para a análise da sua validade. Os estudos existentes, nomeadamente com amostras portuguesas (Monteiro et al., 2008; Monteiro & Veríssimo, 2010; Veríssimo et al., 2005), indicam bons níveis de fidelidade e validade convergente e discriminativa. Apesar de ser um instrumento que apela à competência verbal dos sujeitos, o que o instrumento avalia, através da produção das narrativas, é a presença e qualidade do script de base segura. A validade discriminativa das Narrativas foi objeto de análise apenas num reduzido número de estudos (e.g. Monteiro & Veríssimo, 2010; Waters & Rodrigues Doolabh, 2001) pretendendo-se, com este trabalho contribuir para a análise da mesma ao cotarem-se as histórias neutras (não remetem para conteúdos de base segura); bem como utilizar o Índice de Compreensão Verbal (ICV) da Escala de Inteligência Wechsler para Adultos (Rocha, 2008; Wechsler, 1997), dado esta ser uma medida mais precisa ao nível da aptidão verbal (Rocha, 2008; Wechsler, 1997). O número de estudos

internacionais que controla o Q.I. verbal, ou o conhecimento verbal dos indivíduos é bastante reduzido, alertando-se para o facto de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) e Elliot, Tini, Fetten, e Saunders (2003) ao analisarem as associações entre o Q.I. de mulheres e homens e os valores script de base segura, não terem obtido correlações significativas. Deste modo, a existência ou não de relação entre o conhecimento verbal dos indivíduos e a qualidade do script de base segura não alcançou ainda resultados conclusivos (e.g. Dykas et al., 2006; Wais & Treboux, 2003; Waters e Rodrigues-Doolabh, 2001). Nenhum estudo realizado com amostras portuguesas controlou o Q.I verbal ou o Nível de Aptidão Verbal dos sujeitos, procurando este estudo contribuir para colmatar esta lacuna.

Este estudo visou, ainda, analisar a relação entre o conhecimento e acesso aos scripts de base segura materno e a qualidade do suporte social percebido, tendo-se controlado as variáveis sociodemográficas relacionadas com as figuras parentais e crianças, em particular, a idade e as habilitações literárias maternas dado que alguns estudos empíricos encontram associações significativas entre estas variáveis e os valores de script de base segura (e.g. Coppola et al., 2006; Vaughn et al., 2007). Quanto ao suporte social percebido e as associações com as variáveis sociodemográficas, os estudos não parecem obter resultados consistentes (Coventry, Gillespie, Heath, & Martin, 2004; Prezza & Pacilli, 2002; Turner & Marino, 1994).

Um aspeto interessante, e que dado as medidas utilizadas nos permitirá discutir, remete para uma discussão conceptual e metodológica relacionada com as associações entre as representações de vinculação e o suporte social percebido. A maioria dos estudos existentes (e.g. ver Coble et al., 1996; Green, Furrer, & McAllister, 2007; Sarason et al., 1991) inserem-se no domínio da psicologia social, recorrendo a medidas de autorrelato/autopreenchimento e partilhando as mesmas fontes de informação. Neste estudo ao utilizarmos uma medida que ativa conhecimentos implícitos relativos à vinculação (Monteiro & Veríssimo, 2010; Waters e Rodrigues Doolabh, 2004), do domínio da psicologia do desenvolvimento, procurar-se-á ultrapassar estas limitações.

## Capítulo II - Método

### 1. Participantes

Neste estudo participaram 33 mães casadas (22) ou a viver em união de facto (9), apenas uma se encontrava divorciada/separada, e outra numa situação não especificada. As mães tinham idades compreendidas entre os 22 e 50 anos ( $M= 34.79$ ,  $DP= 5.13$ ) e os pais entre os 29 e os 52 anos ( $M= 36.69$ ,  $DP= 5.25$ ). As suas habilitações literárias variavam entre os 9 e os 19 anos de escolaridade ( $M= 14.82$   $DP= 3.09$ ), e as dos pais entre os 6 e os 17 anos ( $M= 12.91$ ,  $DP= 3.54$ ). Vinte seis mães e 27 pais trabalhavam, encontrando-se os restantes desempregados. As crianças tinham idades compreendidas entre os 30 e os 75 meses ( $M= 48.20$ ,  $DP= 12.20$ ), sendo 16 do sexo feminino e 17 do sexo masculino. Destas, 17 têm irmãos. As famílias pertenciam a um nível socioeconómico médio baixo, com rendimentos entre 650 e 3000 euros/mês ( $M=1514.80$ ,  $DP= 575.14$ ). De acordo com os resultados do último Inquérito às Despesas das Famílias 2010/2011 realizado pelo INE (Instituto Nacional de Estatística, I.P., 2012) o rendimento líquido mensal médio por agregado familiar era de 1984 euros, pelo que, em média, as famílias participantes situavam-se abaixo da média portuguesa. Todos as participantes foram recrutadas para o projeto através das Creches e Jardins de Infância de instituições particulares de solidariedade social (IPSS) que as crianças frequentam, sendo esta uma amostra de conveniência. As famílias são oriundas dos conselhos de Peniche, Torres Vedras e Lisboa. Este estudo insere-se num projeto de investigação mais amplo "*Dad's Involvement: is it just "cool and trendy" or does it really matter?*" que visa analisar os dois contextos de desenvolvimento centrais para as crianças - a família e o grupo de pares (P.I. Lúcia Monteiro).

### 2. Instrumentos

#### 2.1. Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Veríssimo, sd)

A Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Veríssimo, sd) (Anexo A) visa recolher informação sociodemográfica relativa aos pais (e.g. estado civil, idade, habilitações literárias, situação profissional, composição do agregado familiar e nível socioeconómico) e às crianças (e.g. idade, sexo, número de irmãos).

## **2.2. Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado)**

As Narrativas de representação da vinculação em adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado) (Anexo B) permitem-nos aceder ao script de conteúdo de base segura, nas histórias elaboradas, a partir de um conjunto de palavras sugestivas (Vaughn et al., 2006). As seis histórias abordam contextos ansiogénicos e de rotina familiar, remetendo quatro das histórias para cenários relevantes do ponto de vista da vinculação (duas histórias têm por base a interação mãe/pai – criança “A manhã do bebé” e “No consultório médico” e duas são de interação adulto-adulto (relação romântica) “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana”) e duas para contextos de rotinas familiares (“O passeio no parque” e “Uma tarde nas compras”). Estas últimas, tratam-se de histórias neutras sem relevância para o fenómeno de base segura, através das quais se pretende analisar a validade discriminante deste instrumento.

Cada história, com um título específico, apresenta um conjunto de palavras sugestivas organizadas em três colunas. Estas palavras são selecionadas de forma a sugerirem o protótipo de uma história, contudo, cada sujeito é livre de usar as palavras conforme entenda, dado que não se pretende ao fornecer estes conjuntos de palavras, uma história típica, mas sim estabelecer fronteiras quanto ao tema da narrativa. As primeiras palavras apresentadas indicam as personagens (pai/mãe e filho ou dois adultos) e as colunas seguintes pressupõem uma interação construtiva, durante a qual ocorre uma situação ansiogénica geradora de stress, bem como a resolução da mesma. Espera-se que os sujeitos que possuam conhecimento e acesso ao script de base segura gerem histórias organizadas em torno deste script (Waters & Waters, 2006).

As histórias são cotadas numa escala de 7 pontos, que indica em que medida estas se encontram organizadas em torno do script de base segura. A média das quatro histórias, que remetem para o fenómeno de base segura, será o valor script de base segura geral para cada sujeito. A escala de classificação varia, então, entre 7, 6, 5 e 4 (*Organização extensa do script de base segura com elaboração substancial*) sendo que à medida que os valores vão decrescendo a elaboração e qualidade ao nível do conteúdo de base segura vai também ela diminuindo, passando por 3 e 2 (*Ausência de script de base segura, a história é uma sequência de eventos*). Quanto ao valor mais baixo, este é atribuído aquelas histórias que revelem conteúdos de algum modo bizarros, com interpretações peculiares das palavras sugestivas (e.g. Na história “A manhã do bebé” a mãe é a personagem central, girando todos

os acontecimentos em torno desta) (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado). Ao cotar as narrativas o investigador centra-se, então, no recurso por parte do sujeito ao script de base segura, não devendo ser contabilizados os detalhes ao nível da linguagem, credibilidade da história ou mesmo a realização de inferências ou interpretações psicodinâmicas face ao estado mental do sujeito.

Monteiro et al. (2008) obtiveram um índice de consistência interna, de .84 para as histórias maternas, com script de base segura, em amostras portuguesas. Diversos estudos com amostras anglo-saxónicas, colombianas, italianas e portuguesas vieram demonstrar a validade do instrumento (e.g. Coppola et al., 2006; Monteiro et al., 2008; Monteiro & Veríssimo, 2010; Rodrigues et al., 2001; Vaughn et al., 2007; Veríssimo et al., 2005).

### **2.3. Índice de Compreensão Verbal: WAIS – III Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – 3ª Edição (Rocha, 2008, Wechsler, 1997)**

O “Índice de Compreensão Verbal” (ICV) (Anexo C) dos sujeitos foi medido, utilizando-se a adaptação portuguesa da Escala de Inteligência Wechsler para Adultos – Terceira Edição (WAIS-III) (Rocha, 2008; Wechsler, 1997). Tal como o quociente de inteligência (QI) verbal, o ICV mede os conhecimentos verbais e o raciocínio verbal dos indivíduos entre os 16 e 89 anos de idade. Para medir o QI verbal são aplicados os subtestes Vocabulário, Semelhanças, Aritmética, Memória de Dígitos, Informação e Compreensão, os quais procuram avaliar não só os conhecimentos e raciocínio verbal, mas também a capacidade de atenção e memória de trabalho do indivíduo. Os subtestes que permitem o cálculo deste índice fatorial são sempre apresentados verbalmente e a resposta é também oral, sendo eles: o subteste do Vocabulário, das Semelhanças e de Informação, por esta mesma ordem. No subteste Vocabulário através de um conjunto de palavras (33 itens), apresentadas oral e visualmente impressas em cartões, o sujeito deverá definir o seu significado (e.g. inverno). As respostas são cotadas com 0 (*insucesso*), 1 (*sucesso parcial*) ou 2 (*sucesso*) pontos. O subteste das Semelhanças visa através de pares de palavras (19 itens), apresentadas oralmente ao sujeito, que este explique oralmente as semelhanças que existem entre os objetos ou os conceitos apresentados (e.g. Em que são semelhantes uma laranja e uma banana). As respostas são cotadas seguindo os mesmos moldes de cotação do subteste anterior. Finalmente, o subteste Informação, pretende através de um conjunto de questões, apresentadas oralmente, relacionadas com a compreensão de regras, conceitos sociais e com a resolução de problemas, que o sujeito responda também de forma oral (e.g. Em que continente fica o deserto do Sahara). A cotação das respostas é

concretizada atribuindo-se 0 (*insucesso*) e 1 (*sucesso*) pontos. Os itens estão organizados num crescendo de dificuldade apresentada.

O presente instrumento encontra-se validado para a população portuguesa (Rocha, 2008), revelando os três subtestes aplicados, bem como o ICV, valores de coeficiente de fidelidade, de validade convergente e discriminante bastante satisfatórios (Rocha, 2008).

#### **2.4. Escala de Satisfação com o Suporte Social (Pais-Ribeiro, 1999, 2011)**

A presente escala analisa a percepção da satisfação do indivíduo com o suporte social existente (Pais-Ribeiro, 2011) (Anexo D), que é descrita como uma dimensão fundamental nos processos cognitivos e emocionais ligados ao bem-estar e à qualidade de vida do indivíduo (Pais-Ribeiro, 2011). A escala é composta por 15 itens que remetem para quatro dimensões: 1) “Satisfação com Amigos”, que inclui cinco itens (e.g. item 3 - Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria); 2) “Intimidade”, que inclui quatro itens (e.g. item 1 – Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio); 3) “Satisfação com a Família”, que inclui três itens (e.g. item 9 - Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a minha família) e 4) “Atividades Sociais”, que inclui três itens (e.g. item 2 – Não saio com amigos tantas vezes quanto as que eu gostaria) (Pais-Ribeiro, 2011). Destes itens (quinze) nove são itens invertidos (itens 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15). Os itens são preenchidos pelos sujeitos indicando o grau em que concordam com as afirmações apresentadas, numa escala de tipo Likert, de 5 pontos: que vai do *concordo totalmente (A)*, *não concordo nem discordo (C)*, a *discordo totalmente (E)*. É, assim, possível calcular um valor de satisfação para cada uma das dimensões, que medem diversos aspetos do suporte social, assim como, um valor geral que expressará o grau da percepção da satisfação do sujeito com o suporte social. Valores mais elevados correspondem a uma percepção mais elevada de suporte social.

No que concerne à consistência interna da escala, quer para o valor total, quer para as dimensões, os valores obtidos por Pais-Ribeiro (2011) variaram entre  $\alpha$  64-.85, sendo as atividades sociais a dimensão com o índice mais fraco. Relativamente à amostra em estudo, o valor do *Alpha de Cronbach* para a escala total foi de .86; e para as dimensões: satisfação com amigos .77, intimidade .64, satisfação com a família .79, e atividades sociais .69.

### 3. Procedimento

A realização do presente estudo compreendeu um conjunto de procedimentos cujo objetivo foi cumprir as normas da APA 6th – relativas aos princípios éticos e de conduta no contexto da investigação. O projeto foi inicialmente apresentado às instituições de ensino pré-escolar (Direção e Educadores de Infância), (Anexo E) tendo sido explicados os objetivos da investigação e os procedimentos necessários para a concretização da mesma. Numa segunda fase a carta de apresentação do projeto e respetivo consentimento informado foram entregues, pessoalmente, às mães das crianças (Anexo F). Apenas as mães que assinaram o consentimento informado a autorizar a participação foram incluídas no estudo.

A aplicação do ICV e das Narrativas foi realizada dentro do espaço escolar, contando apenas com a presença do participante e do investigador na sala. A recolha dos dados foi realizada numa só sessão por sujeito e foram, em primeiro lugar, aplicadas as Narrativas, seguindo-se o ICV. Cada sessão teve uma duração de cerca de 60 minutos por sujeito (a maioria dos sujeitos completou a tarefa das Narrativas em 15-20 minutos, enquanto os subtestes do ICV foram realizados em cerca de 30 minutos).

As mães foram informadas de que as histórias seriam gravadas e que caso entendessem poderiam parar e reiniciar novamente. Apresentadas aos participantes uma a uma, as histórias foram divididas, em dois blocos distintos: bloco das histórias de interação criança-adulto e bloco de histórias de interação adulto-adulto, sendo que à medida que os conjuntos de palavras eram apresentados o investigador identificava o tema da história e as personagens da mesma (se eram mãe/pai e criança ou adultos). Waters e Rodrigues-Doolabh (2004, manual não publicado) referem que a sequência pela qual as histórias são apresentadas aos sujeitos deve ser controlada por forma a evitar qualquer efeito de ordem. Por esta razão foram seguidas seis sequências diferentes, acautelando-se, no entanto pela realização ora da totalidade das histórias de interação adulto – criança, ora das histórias de interação adulto – adulto. Os sujeitos foram informados de que as folhas com as listas de palavras sugestivas funcionavam apenas como guia, não sendo por isso obrigatório o uso de todas as palavras, havendo liberdade para trocar a ordem pela qual as palavras eram empregues na respetiva história, substituir as palavras sugeridas por outras ou mesmo não usar a totalidade das mesmas. Para cada história foram dados cerca de dois minutos a cada participante para rever as palavras antes de iniciar a gravação.

As histórias foram, posteriormente, transcritas e cotadas por dois investigadores, treinados por H. Waters, e sem qualquer conhecimento relativo aos participantes. As narrativas foram

cotadas numa escala de 7 pontos concebida por Waters e Rodrigues-Doolabh (2004). As histórias foram cotadas por grupos temáticos (e.g. primeiro todas as histórias da “Manhã do bebé”) para que os cotadores não tivessem acesso ao resultado de uma dada história e fosse de seguida cotar outra história do mesmo indivíduo (Veríssimo et al., 2005; Waters & Waters, 2006). O acordo intercotadores para as 4 histórias com script de base segura foi calculado através do *intraclass correlation coefficient*, tendo os valores variado entre .96 e .98. As narrativas neutras foram cotadas apenas por um investigador. Os valores *Spearman-Brown* de fiabilidade para cada história variaram entre .87 e .98. O valor de cada narrativa corresponde à média dos valores atribuídos pelos dois investigadores.

Relativamente à aplicação do ICV, a cada sujeito foi atribuído um Caderno de Registo, no qual um investigador fez a anotação e cotação das respostas. A cotação de cada subteste foi realizada aquando a aplicação do mesmo, contudo o ICV de cada sujeito apenas foi calculado posteriormente, tal como indicado no manual.

A Escala de Satisfação com o Suporte Social e a Ficha de Caracterização Sociodemográfica foram preenchidas em casa, pelas mães, e posteriormente devolvidas em envelopes selados.



### Capítulo III - Resultados

#### 1. Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos

##### 1.1. Validade Interna

Analisaram-se as relações intra histórias de interação adulto/criança e adulto/adulto, bem como entre os dois compósitos de histórias com conteúdo de base segura, utilizando-se o Coeficiente de correlação de Pearson ( $r$ ). Os resultados constam no Quadro 1.

Quadro 1

*Correlações intra e inter histórias com conteúdo de base segura*

	Mãe
Histórias Adulto/Criança	.41*
Histórias Adulto/Adulto	.57**
Histórias Adulto/Criança vs Adulto/Adulto	.48*

*Nota:* \* $p < .05$ , \*\* $p < .01$

As correlações obtidas (positivas e significativas), traduzem valores moderados de associação intra, e inter histórias que remetem para conteúdos de base segura. Estes resultados vão ao encontro dos valores obtidos em investigações realizadas com amostras portuguesas, embora a correlação entre histórias adulto/criança e adulto/adulto seja mais baixa comparativamente com resultados anteriores, com amostras maiores (e.g. Monteiro & Veríssimo, 2010; Vaughn et al., 2007; Veríssimo et al., 2005).

O *Alpha de Cronbach* nas histórias, com *script* de base segura é de  $\alpha.72$  indicando um nível aceitável de consistência interna do instrumento (e.g. Monteiro & Veríssimo, 2010; Rodrigues-Doohlab et al., 2003; Veríssimo et al., 2005).

## 1.2. Validade Discriminativa

Utilizando o Coeficiente de Correlação de Pearson correlacionaram-se as histórias com o script de base segura e as histórias neutras. Os resultados obtidos são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2

*Correlação entre os compósitos das histórias com script de base segura e as histórias neutras*

	Histórias Adulto/Criança	Histórias Adulto/Adulto
Histórias Neutras	.68**	.72**

*Nota: \*\* $p < .01$*

Obtiveram-se correlações positivas e significativas entre os compósitos das histórias com script de base segura e o das histórias neutras. Estes resultados não vão ao encontro de estudos anteriores (e.g. Monteiro & Veríssimo, 2010; Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001), que não reportam associações significativas entre estes dois tipos de histórias.

De seguida correlacionou-se o Índice de Compreensão Verbal materno (valores variaram entre 77 e 129;  $M=101.88$ ;  $DP=13.22$ ), com os valores das narrativas Adulto/criança, Adulto/adulto, Neutras e Total das histórias com script de base segura. 45 % dos valores encontram-se entre 90 e 109, ou seja, dentro daqueles que são considerados os valores mínimos e máximos de um índice de compreensão verbal médio, situando-se os restantes 21% num nível médio inferior e 33% num nível médio superior (Rocha, 2008; Wechsler, 1997).

Obteve-se uma correlação positiva e significativa entre o ICV e o compósito das histórias adulto/adulto ( $r(33) = .37, p < .05$ ), e marginalmente significativa com o compósito das histórias com Script de base segura ( $r(33) = .33, p = .07$ ).

## 1.3. Script de base segura materno

Com o objetivo de analisar a presença e qualidade do script de base segura das mães nas histórias de interação Adulto/Criança, Adulto/Adulto e Total (compósito das quatro histórias com script de base segura), procedeu-se ao cálculo das respetivas médias e desvios padrão. O Quadro 3 reporta os valores encontrados.

## Quadro 3

*Médias e desvios padrão (DP) para os valores de script de base segura*

	Adulto/Criança	Adulto/Adulto	Script/Total
Mãe	4.00 (DP=1.13)	3.89 (DP= 1.26)	3.95 (DP=1.03)

Os valores das narrativas variaram entre 1.25 e 6.41 para as histórias Adulto/Criança; entre 1.66 e 6.91 para as Adulto/Adulto. Os valores médios obtidos indicam que as mães fazem a um conjunto de palavras sugeridas nas diferentes histórias acedem e utilizam o script de base segura na elaboração das narrativas.

#### **1.4. Análise das relações entre as variáveis sociodemográficas e os valores script de base segura materno**

Utilizando Coeficiente de Correlação de Pearson ( $r$ ) apenas se obteve uma associação positiva e significativa ( $r(33) = .37, p < .05$ ) entre as habilitações literárias das mães e o valor total de script de base segura. Assim, quanto mais elevadas as habilitações maternas maior o valor de script de base segura, resultado que vai ao encontro dos dados reportados por Vaughn et al. (2007, na amostra colombiana) e por Coppola et al. (2006).

Existe, ainda, uma associação negativa e significativa ( $r(33) = -.38, p < .05$ ) com o número de elementos do agregado familiar, assim, quanto maior for o agregado familiar, menor é o valor script de base segura materno.

*Testes t-student para amostras independentes* indicam que não existem diferenças significativas em função do sexo da criança, e da existência ou não irmãos.

## 2. Escala de Satisfação com o Suporte Social

### 2.1. Suporte Social Percebido

A percepção materna relativamente ao suporte social foi avaliada a um nível mais geral e a um nível mais específico, nomeadamente através de quatro dimensões do suporte social. No Quadro 4 são apresentadas as Médias e Desvios Padrão.

Quadro 4

*Médias e Desvios Padrão para as 4 dimensões e total do suporte social*

Escala de Satisfação com o Suporte Social	Média	DP
Satisfação com amigos (SA)	3.65	.83
Intimidade (IN)	3.92	.92
Satisfação com a família (SF)	3.64	.95
Atividades sociais (AS)	3.10	1
Escala Total (ET)	3.61	.71

Verifica-se que as mães têm valores de satisfação que variam em média entre 3.10 (Atividades Sociais) e 3.92 (Intimidade), nas diferentes dimensões, sendo que nesta escala valores mais baixos indicam percepções da satisfação de suporte social mais baixo.

### 2.2. Análise das relações entre as variáveis sociodemográficas e a percepção do suporte social

Utilizando-se correlações de *Spearman* verificou-se que o número de horas/semanais de trabalho do pai se encontra positiva e significativamente correlacionado com a percepção de satisfação com o suporte familiar da mãe ( $r_s(25) = .56, p < .01$ ). Quanto mais horas o pai trabalha, mais elevada a percepção materna da qualidade do suporte familiar existente. O rendimento familiar encontra-se positiva e significativamente associado com a percepção de satisfação materna nas atividades sociais ( $r_s(24) = .41, p < .05$ ). Assim, nos agregados com maiores rendimentos verifica-se uma percepção de maior satisfação ao nível das atividades sociais.

Análises U de Mann-Whitney indicam que não existem diferenças significativas em função do sexo e da existência ou não de irmãos, para o suporte social percebido nas quatro dimensões e no total.

### **3. Script de Base Segura Materno e Suporte Social**

Por fim analisou-se a relação entre o script de base segura das mães e a sua percepção do suporte social, ao nível das 4 dimensões e no geral. Apenas na dimensão Atividades Sociais se encontrou uma correlação positiva e marginalmente significativa ( $r_{s(32)} = .34, p = .06$ ). Tendencialmente, mães com valores mais elevados no script de base segura têm uma percepção mais elevada da qualidade das atividades sociais.

Dado existir uma associação significativa entre habilitações literárias da mãe e o script de base segura e tendencialmente significativa com o ICV, recalcularam-se as correlações controlando estas duas variáveis ( $r_{s \text{ parcial (hlm)}} = .41; p < .05$ ;  $r_{s \text{ parcial (ICV)}} = .40; p < .05$ ), tendo a magnitude da associação aumentado, atingindo significância.

#### Capítulo IV – Discussão

O presente estudo analisou o conhecimento e acesso ao script da base segura, numa amostra de mães com filhos em idade pré-escolar, tendo começado por analisar e discutir aspetos metodológicos relativos ao instrumento das Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Waters, 2006). Analisou-se, ainda, a relação entre a vinculação e a percepção do suporte social materno.

Face a diferentes conjuntos de palavras sugestivas, que remetiam para temáticas relacionadas com conteúdos de vinculação, as mães utilizaram o script de base segura, na produção das suas narrativas. Estes dados corroboraram os resultados obtidos noutras investigações nacionais e internacionais (e.g. Coppola et al., 2006; Monteiro & Veríssimo, 2010; Vaughn et al., 2007; Veríssimo et al. 2005).

Relativamente ao instrumento das Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos, as análises realizadas ao nível da fiabilidade e validade interna indicam valores comparáveis às apresentadas noutros estudos (Rodrigues-Doolabh et al., 2003; Vaughn et al., 2007; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006). No teste da validade discriminativa analisaram-se as associações com o ICV, as narrativas neutras e as habilitações literárias maternas. Obteve-se uma correlação positiva e significativa entre o ICV (considerado uma medida bastante precisa ao nível da avaliação das aptidões verbais dos sujeitos, Rocha, 2008; Wechsler, 1997) com as histórias adulto/adulto, mas apenas marginalmente significativa com o total das histórias com Script de base segura. Estes resultados não vão ao encontro dos reportados nos estudos iniciais de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001). Constatou-se, ainda, que as mães com habilitações literárias mais elevadas têm valores de script de base segura mais elevados (Coppola et al., 2006; Vaughn et al., 2007). Nesta amostra, existe alguma variabilidade em termos das habilitações literárias, sendo que 57% dos mães possuem uma licenciatura, 24% o 12º ano, 12% o 9º ano de escolaridade, 3% um bacharelato e 3% mestrado. Obtiveram-se, ainda, associações significativas entre as narrativas neutras e os compósitos das histórias com conteúdos de base segura, o que não se verificou nos estudos com mães e pais portugueses de Monteiro e Veríssimo (2010) e no estudo original de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001). Assim, as mães capazes de construir histórias utilizando o script de base segura, produzem igualmente outras narrativas (de qualidade semelhante) que remetem para contextos de interação de rotina familiar. Segundo Bakermans-Kranenburg (2006), enquanto pedras basulares dos modelos internos dinâmicos de vinculação, os scripts, como estruturas cognitivas que são e pelo facto de serem avaliados através de narrativas, a eventual associação

entre a competência verbal dos sujeitos e o valor script de base segura não deverá ser encarado como algo inesperado.

Waters, Rodrigues e Ridgeway (1998) referem o facto de quer a memória semântica quer a episódica, assim como outras representações mentais poderem influenciar tanto a elaboração como a qualidade dos scripts na produção das narrativas salientando, assim, que a investigação em torno desta temática, deverá controlar as variáveis cognitivas.

Coloca-se, assim, a hipótese de que, nesta amostra de mães, a maior ou menor competência verbal poderá contribuir, em parte, para a produção das narrativas de vinculação, e consequente cotação do script de base segura. Relações de causalidade não podem ser assumidas, ou seja, se será uma maior competência verbal materna que lhes permitirá desenvolver modelos mais completos e seguros, ou se por outro lado, no contexto das relações de vinculação, marcadas por o que Bretherton denomina de “*Open communication*” não se potencializa o desenvolvimento das competências verbais (Bretherton & Munholland, 2008).

Se de início os MID's se desenvolvem através de padrões de interação sensório motores e afetivos, só mais tarde, com o desenvolvimento da linguagem, se vão complexificando através do diálogo com as figuras de vinculação (Bretherton, 1999). Os scripts constituem-se na infância como a base para o desenvolvimento das narrativas relativamente a acontecimentos específicos, processo este que necessita da orientação parental. Consequentemente este processo contribuirá para o desenvolvimento e complexificação dos MID do sujeito. Este conhecimento que a criança vai adquirindo acerca dos acontecimentos (*basic event knowledge*) concretizado através da experiência direta, é conhecimento implícito e como tal inacessível de forma consciente (Nelson, 1999). Refira-se que mesmo na idade adulta os indivíduos não conseguem, de forma consciente, relatar a forma como representam as estruturas causais e temporais das experiências (Waters & Waters, 2006).

Segundo Nelson (1996) as narrativas constituem-se como a fonte mais importante a partir da qual derivam conceitos abstratos acerca de emoções, atitudes e carácter/personalidade. Neste sentido, seja durante a infância, seja na idade adulta, o recurso à produção de narrativas assume especial importância na medida em que permite a compreensão da organização das estruturas cognitivas dos sujeitos (Waters & Waters, 2006). Consequentemente uma narrativa coerente será aquela que contempla, segundo Grossmann (1999), acontecimentos emotivos e representações miméticas com linguagem não contraditória, refletindo a coerência linguística ou ausência da mesma representações da vinculação seguras ou inseguras. Por outro lado Oppenheim e Waters (1995) referem que o que distingue as crianças seguras das inseguras, não será apenas o conteúdo das narrativas mas, também, o contexto interpessoal e

comunicativo que permite dar significado ao conteúdo narrativo. Este será tanto mais longo e detalhado se houver uma ligação temporal e causal no decorrer da narração do sujeito.

Encontrou-se, ainda, no presente estudo uma associação negativa entre a dimensão do agregado familiar e o valor script das mães. Refira-se que 94% dos agregados são compostos por menos de cinco elementos (mãe, pai e filho(s)). A investigação tem verificado que no caso das *crowded homes* (Bradley, 2002) o número de elementos que compõem o agregado (não especificando o número de sujeitos que compõem esta tipologia de agregados) tem um impacto negativo na qualidade da parentalidade (e.g. comunicação e responsividade), independentemente do nível socioeconómico das famílias.

O suporte social percebido consiste na percepção que o indivíduo tem acerca da disponibilidade da rede social para fornecer suporte caso seja necessário constituindo-se, assim, como a componente cognitiva deste constructo, contrariamente ao suporte recebido o qual representa a componente comportamental (Coventry, Gillespie, Heath, & Martin, 2004). Neste estudo, verificou-se que quanto maior o número de horas de trabalho do pai, mais elevada é a percepção das mães face à satisfação com o suporte familiar. São os pais com menos habilitações literárias que passam um maior número de horas nos seus empregos. Uma possível explicação para estes resultados poderá estar ligada à representação da paternidade, nomeadamente, a uma perspetiva mais conservadora associada à dimensão de sustento financeiro da família (Lamb, 1987), e a representação da maternidade associada aos cuidados familiares.

Relativamente aos agregados onde o rendimento familiar é mais elevado existe uma percepção de maior satisfação com as atividades sociais, nomeadamente, ao tempo despendido com os amigos, à realização e envolvimento em atividades que vão ao encontro dos seus interesses pessoais. Diversos estudos têm demonstrado que os indivíduos com níveis socioeconómicos mais elevados têm um suporte social mais elevado (e.g. Mickelson & Kubzansky, 2003; Turner & Marino, 1994). Mickelson e Kubzansky (2003) por exemplo verificaram que rendimentos baixos estavam relacionados com baixos níveis de suporte emocional e elevados níveis de interações negativas, ambos provenientes do cônjuge, familiares ou amigos.

A ausência de outras associações, expectáveis, entre o suporte social e as variáveis sociodemográficas (e.g. habilitações literárias mãe, número de horas semanais de trabalho da mãe, características da criança) poderá levantar algumas questões, nomeadamente o facto de até que ponto o sentimento de que se é querido e valorizado pelos outros (suporte social percebido) (Sarason et al., 1993) não será independente de fatores como os que em cima se



enunciam e ser antes uma componente da personalidade do sujeito (Sarason & Sarason, 2009).

“To say that parents of young children ‘need support’ is to state de obvious. Parenting a young child can be stressful.” (Green, Furrer, & McAllister, 2007, p.96). As mães da amostra em análise têm filhos em idade pré-escolar (30-75 meses) tendo a investigação demonstrado que a existência e disponibilidade de relações interpessoais de suporte/apoio poderão ter um impacto positivo na parentalidade (Green et al., 2007). Neste estudo analisamos apenas uma componente do sistema de cuidados parentais: os MID e as suas associações com o suporte social percebido de mães de crianças em idade pré-escolar.

Poder-se-ia supor que mães com valores mais elevados de script (saibam o que é ser e/ou procurar uma base segura) pudessem apresentar níveis mais elevados em termos da qualidade da rede de suporte social percebido (mais especificamente ao nível das dimensões da intimidade e satisfação familiar). Embora estejamos perante constructos teóricos distintos (relações com objetivos distintos), espera-se que mães que sabem o que é ser e/ou procurar uma base segura, saibam como procurar suporte e manter relações satisfatórias com os outros, quando o necessitam. Neste estudo, o script de base segura das mães, avaliado através de uma medida como as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004), a qual ativa conhecimentos implícitos do sujeito, e não a medidas de autorrelato, respondidas pelos mesmos sujeitos, apenas se encontra relacionado com a percepção do suporte social relativo às atividades sociais, dimensão que remete para questões ligadas com a vida social do indivíduo.

Estudos no domínio da psicologia social têm analisado a relação entre a vinculação e o suporte social (percebido e recebido). Os resultados vão no sentido de que o estilo de vinculação, enquanto traço estável, influencia a forma como o suporte social (familiar e proveniente das relações de amizade) é acionado e percebido (Collins & Feeney, 2004; Green et al., 2007).

Collins e Feeney (2004) referem que a importância atribuída à teoria da vinculação aquando a abordagem do suporte social deve-se, entre outras causas, ao facto dos MID de vinculação conterem em si expectativas face à disponibilidade dos outros em caso de necessidade. Assim, indivíduos classificados como seguros distinguem-se dos inseguros, nomeadamente, no que concerne às expectativas face à disponibilidade, bem como, aos sentimentos de rejeição ou aceitação por parte de outros significativos.

Ravitz et al. (2010) salientam uma questão metodológica, neste tipo de estudo, indicando que cada tipo de instrumentos poderá estar a avaliar diferentes aspetos relativos à vinculação.

Se a psicologia do desenvolvimento, na área da vinculação, tem como medida “Gold standard” que não assenta na autoavaliação consciente por parte do sujeito, por seu lado, a psicologia social recorre a medidas de autorrelato, as quais acedem às atitudes conscientes face aos relacionamentos, bem como, a memórias de experiências dos relacionamentos atuais (Crowell, Fraley, & Shaver, 2008), e não aos MID construídos nas primeiras relações.

O facto da dimensão da coerência da AAI ter sido frequentemente correlacionada com medidas como entrevistas, observações laboratoriais e naturalísticas, e tarefas de produção estruturada de narrativas (Waters, Crowell, Elliot, Corcoran, & Treboux, 2002), não se verificando o mesmo com as medidas de autorrelato (ver Waters et al., 2002), leva-nos a sugerir a realização de estudos que recorram a medidas que acedam ao conhecimento implícito dos sujeitos acerca das relações de vinculação no sentido de poder aprofundar o conhecimento ao nível da relação entre a vinculação/MID/Script de base segura e o suporte social (percebido ou recebido) através do recurso a instrumentos que não os de autorrelato/autopreenchimento.

Existem, na presente investigação, algumas limitações que devem ser mencionadas. Em primeiro lugar, importa salientar a dimensão da amostra, pelo facto de ser reduzida. Além das questões que se prendem com a dimensão da amostra, seria aconselhável, em estudos futuros integrar uma medida relacionada com a qualidade dos comportamentos parentais ou a qualidade de vinculação das crianças, de modo a melhor compreender o papel do ICV materno, procurando assim perceber até que ponto a competência verbal poderá ou não explicar a associação encontrada entre as duas variáveis que do ponto vista teórico se encontram relacionadas (script de base segura e comportamentos parentais/qualidade de vinculação nas crianças).

Assim, numa amostra de maior dimensão e utilizando duas medidas de vinculação distintas, por exemplo autorrelato (e.g. questionários) e as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos considera-se interessante explorar-se as relações entre o script de base segura das mães, com o suporte social percebido e recebido. Seria, ainda, interessante em estudos futuros compreender o modo como a percepção do suporte social poderá moderar, por exemplo, a relação entre os MID das figuras parentais e a qualidade dos seus comportamentos parentais em interação com os filhos.

Face aos resultados obtidos, sugere-se a análise da relação entre a qualidade do script de base segura, as narrativas neutras e o ICV em amostras de maior dimensão. Nomeadamente, se controlando esta variável, as associações esperadas com outras variáveis como a sensibilidade materna ou a qualidade da vinculação se mantêm.

No seguimento do presente trabalho, considera-se que a inclusão da figura paterna num futuro estudo poderá proporcionar uma análise mais complexa e abrangente das variáveis em estudo. Seria interessante, também, ao analisar a percepção materna do suporte social considerar o tipo e nível de envolvimento paterno e as representações acerca do papel do pai.

### Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1969). *Maternal sensitivity scales*. Retirado a 11 de dezembro, 2012, de [http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/ainsworth\\_scales.html](http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/ainsworth_scales.html)
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, C. M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Oxford: Lawrence Erlbaum.
- Atkinson, L., Niccols, A., Paglia, A., Coolbear, J., Parker, K. C. H., Poulton, L., Guger, S., & Siteraneos, G. (2000). A meta-analysis of time between maternal sensitivity and attachment assessments: Implications for internal working models in infancy/toddlerhood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17(6), 791-810. doi: 10.1177/0265407500176005.
- Bakermans-Kranenburg, M. J. (2006). Script-like attachment representations: Steps towards a secure base for further research. *Attachment & Human Development*, 8(3), 275-281. doi: 10.1080/14616730600910037.
- Belsky, J. (1996). Parent, infant, and social-contextual antecedents of father-son attachment security. *Developmental Psychology*, 32(5), 905-913. doi: 10.1037/0012-1649.32.5.905
- Belsky, J., & Fearon, R. M. (2008). Precursors of attachment security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 295-316). New York: Guilford Press.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373. doi: -.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1997). *Attachment and loss: Vol.1 Attachment*. London: Pimlico. (Obra original publicada em 1969/1982).
- Bowlby, J. (1998a). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation, anxiety, and anger*. London: Pimlico. (Obra original publicada em 1973).
- Bowlby, J. (1998b). *Attachment and Loss: Vol. 3. Loss*. London: Pimlico. (Obra original publicada em 1980).
- Bradley, R. H. (2002). Environment and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting – volume 2: Biology and ecology of parenting* (2nd ed.) (pp. 281-314). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.

- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2), 3-35. doi:10.2307/3333824.
- Bretherton, I., Biringen, Z., & Ridgeway, D. (1991). The parental side of attachment. In K., Pillemer, & K., McCartney (Eds.), *Parent-child relationships throughout life* (pp. 1-24). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775. doi: 10.1037/0012-1649.28.5.759.
- Bretherton, I. (1999). Updating the 'internal working model' construct: some reflections. *Attachment & Human Development*, 1(3), 343-357. doi:10.1080/1461673990013419.1.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships – Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 102-127). New York: Guilford Press.
- Calheiros, M., & Paulino, P. (2007). Construção e determinação das qualidades psicométricas do Questionário de Suporte Social Institucional na saúde (QSSIS). *Laboratório de Psicologia*, 5(1), 17-33. doi: -.
- Canavarro, M.C., Dias, P. & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale – R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, XX(1), 155-187. doi: -.
- Cassidy, J. (2000). The complexity of the caregiving system: A perspective from attachment theory. *Psychological Inquiry*, 11(2), 86-91. doi: -.
- Cassidy, J. (2008). The nature of the child's tie. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 3-22). New York: Guilford Press.
- Coble, H. M., Gantt, D. L., Mallinckrodt, B. (1996). Attachment, social competency, and the capacity to use social support. In G. R., Pierce, B. R., Sarason, I. G., Sarason (Eds), *Handbook of social support and the family* (pp.141-172). New York, NY: Plenum Press.
- Cohn, D. A. (1990). Child-mother attachment of six-years-old and social competence at school. *Child development*. 61, 152-162. doi: 10.2307/1131055.
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 810-832. doi: 10.1037/0022-3514.71.4.810.

- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment shape perceptions of social support: Evidence from experimental and observational studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87(3), 363-383. doi: 10.1037/0022-3514.87.3.363.
- Collins, N. L., Guichard, A. C., Ford, M. B., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment – New developments and emerging themes. In W.S. Rholes, & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp.196-239). New York: Guilford Press.
- Coppola, G., Vaughn, B. E., Cassibba, R., & Constantini, A. (2006). The attachment script representation procedure in an Italian sample: Association with Adult Attachment Interview scales and with maternal sensitivity. *Attachment & Human Development*, 8(3), 209-219. doi: 10.1080/14616730600856065.
- Coventry, W. L., Gillespie, N. A., Heath, A. C., & Martin, N. G. (2004). Perceived social support in a large community sample – Age and sex differences. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 39, 625-636. doi: 10.1007/s00127-004-0795-8.
- Cramer, D., Henderson, S., & Scott, R. (1997). Mental health and desired social support: a four-wave panel study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14(6), 761-775. doi: 10.1177/0265407597146003.
- Crockenberg, S. B. (1981). Infant irritability, mother responsiveness, and social support influences on the security of infant-mother attachment. *Child development*, 52(3), 857-865. doi: 10.2307/1129087.
- Crowell, J. A., & Feldman, S. S. (1991). Mothers' working models of attachment relationships and mother and child behavior during separation and reunion. *Developmental Psychology*, 27, 597-605. doi: 10.1037/0012-1649.27.4.597.
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 599-634). New York: Guilford Press.
- De Wolff, M. S., & van IJzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, 68(4), 571-591. doi: 10.2307/1132107.
- Dunst, C., & Trivette, C. (1990). Assessment of social support in early intervention programs. In S. Meisels, & J. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp.326-349). New York: Cambridge University Press.

- Dykas, M. J., Woodhouse, S. S., Cassidy, J., & Waters, H. S. (2006). Narrative assessment of attachment representations: Links between secure base scripts and adolescent attachment. *Attachment & Human Development*, 8(3), 221-240. doi: 10.1080/14616730600856099.
- Elliot, M., Tini, M., Fetten, E., & Saunders, A. (2003, Abril). *Attachment scripts in adult men and adolescent males*. Paper presented at the Biennial Meetings of Society for Research in Child Development, Tampa, FL.
- Fivush, R. (2006). Scripting attachment: Generalized event representation and internal working models. *Attachment & Human Development*, 8(3), 283-289. doi:10.1080/08912960600858935.
- George, C., & Solomon, J. (1989). Internal working models of caregiving and security of attachment at age six. *Infant Mental Health Journal*, 10(3), 222-237. doi:10.1002/1097-0355(198923).
- George, C., & Solomon, J. (1999). The development of caregiving: A comparison of attachment theory and psychoanalytic approaches to mothering. *Psychoanalytic Inquiry: A Topical Journal for Mental Health Professionals*, 19(4), 618-646. doi: 10.1080/07351699909534268.
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 833-856). New York: Guilford Press.
- Green, B. L., Furrer, C., & McAllister, C. (2007). How do relationships support parenting? Effects of attachment style and social support on parenting behavior in an at-risk population. *American Journal of Community Psychology*, 40, 96-108. doi: 10.1007/s10464-007-9127-y.
- Grossmann, H. E., Grossmann, K., & Waters, E. (Eds.). (2005). *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies*. New York: Guilford Press.
- Grossmann, K. E. (1999). Old and new internal working models of attachment: The organization of feelings and language. *Attachment & Human Development*, 1(3), 253-269. doi: 10.1080/1461673990034141.
- Hazan, C., Gur-Yaish, N., & Campa, M. (2004). What does it mean to be attached? In W.S. Rholes, & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp.55-85). New York: Guilford Press.
- Hesse, E. (2008). The adult attachment interview – Protocol, method, and empirical studies. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 552-598). New York: Guilford Press.

- Instituto Nacional de Estatística, I.P. (Ed) (2012). *Inquérito às despesas das famílias 2010/2011*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I. P.
- Jacobson, S. W., & Frye, K. F. (1991). Effect of maternal social support on attachment: Experimental evidence. *Child Development*, 62, 572-582. doi: 10.2307/2F1131132.
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent american father. In M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp. 3-25). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Larose, S., & Bernier, A. (2001). Social support processes: mediators of attachment state of mind and adjustment in late adolescence. *Attachment & Human Development*, 3(1), 96-120. doi: 10.1080/14616730010024762.
- Lucassen, N., Van IJzendoorn, M. H., Volling, B. L., Tharner, A., Bakermans- Kranenburg, M. J., Verhulst, F. C., Lambregtse-Van den Berg, M. P., & Tiemeier, H. (2011). The associations between paternal sensitivity and infant-father attachment security: A meta-analysis of three decades of research. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 986-992. doi: 10.1037/a0025855.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood. A move to the level of representation. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 66-104. doi: 10.2307/3333827.
- Marvin, R.S., & Britner, P.A. (2008), Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment – Theory, research, and clinical applications* (2nd ed.) (pp. 269-294). New York: Guilford Press.
- McFarland-Piazza, L., Hazen, N., Jacobvitz, D., & Boyd-Soisson, E. (2012). The development of father-child attachment: associations between adult attachment representations, recollections of childhood experiences and caregiving. *Early Child Development and Care*, 182(6), 701-721. doi: 10.1080/03004430.2011.573071.
- Mickelson, K. D., & Kubzansky, L. D. (2003). Social distribution of social support: The mediating role of life events. *American Journal of Community Psychology*, 32 (3/4), 265-281. doi: -.
- Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamic, and change*. New York: The Guilford Press.
- Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2010). *A análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.



- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Bost, K. K. (2008). Secure base representations for both fathers and mothers predict children's secure base behavior in a sample of Portuguese families. *Attachment & Human Development, 10*(2), 189-206. doi: 10.1080/14616730802113711.
- Nelson, K. (1996). *Language in cognitive development*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nelson, K. (1999). Event representations, narrative development and internal working models. *Attachment & Human Development, 1*(3), 239-252. doi: 10.1080/14616739900134131.
- Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of Society for Research in Child Development, 60*, 197-215.
- Pais-Ribeiro, J. L. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica, 3*(XVII), 547-558. doi: -.
- Pais-Ribeiro, J. L. (2011). *Escala de satisfação com o suporte social*. Lisboa: Placebo Editora.
- Pearson, J., Cohn, D., Cowan, P., & Cowan, C.P. (1994). Earned and continuous security in adult attachment: Relation to depressive symptomology and parenting style. *Development and Psychopathology, 6*, 359-373. doi:10.1017/S0954579400004636.
- Pierce, G. R., Sarason, B. R., Sarason, I. G., Joseph, H. J., & Henderson, C. A. (1996). Conceptualizing and assessing social support in the context of the family. In G. R., Pierce, B. R., Sarason, & I. G., Sarason (Eds), *Handbook of social support and the family* (pp.3-23). New York, NY: Plenum Press.
- Prezza, M, & Pacilli, M. G. (2002). Perceived social support from significant others, family and friends and several sociodemographic characteristics. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 12*, 422-429. doi: 10.1002/casp.696.
- Ravitz, P., Maunder, R., Hunter, J., Sthankiya, B., & Lancee, W. (2010) Adult attachment measures: A 25-year review. *Journal of Psychosomatic Research, 69*, 419-432. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpsychores.2009.08.006>.
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. Duck, D. F. Hay, S. E. Hobfoll, W. Ickes, & B. M. Montgomery (Eds), *Handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (367-389). Oxford: John Wiley & Sons.

- Rholes, W.S., & Simpson, J.A. (2004). Attachment theory - Basic concepts and contemporary questions. In W.S. Rholes, & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp.3-14). New York: Guilford Press.
- Rodrigues-Doolabh, L., Zevallos, A., Turan, B., & Green, K. (2003). *Attachment scripts across cultures: Further evidence for a universal secure base script*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, cross-cultural, and behavioral links. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March 2003).
- Sarason, B. R., Pierce, G. R., Bannerman, & Sarason, I. G. (1993). Investigating the antecedents of perceived social support: Parents' views of and behavior toward their children. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(5), 1071-1085. doi:10.1037/0022-3514.65.5.1071.
- Sarason, B. R., Pierce, G. R., Shearin, E. N., Sarason, I. G., & Waltz, J. A. (1991). Perceived social support and working models of self and actual others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(2), 273-287. doi:10.1037/0022-3514.60.2.273.
- Sarason, I. G., & Sarason, B. (2009) Social support: Mapping the construct. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(1), 113-120. doi: 10.1177/0265407509105526.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: the social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 127-139. doi:10.1037/0022-3514.44.1.127.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R., & Sherin, E. N. (1986). Social support as an individual difference variable: Its stability, origins, and relational aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(4), 845-855. doi: 10.1037/0022-3514.50.4.845.
- Schank, R., & Abelson, A. (1977). *Scripts plans goals and understanding*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Sroufe, L. A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199. doi:10.2307/1128475.
- Sroufe, L. A., & Fleeson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. Hartup & Z. Rubin (Eds.). *The nature and development of relationships* (pp. 51-71). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Tini, M. Corcoran, D. Rodrigues-Doolabh, L. e Waters, E. (2003). *Maternal attachment scripts and infant secure base behavior*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, cross-cultural, and

- behavioral links. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March 2003).
- Turner, R. J., & Marino, F. (1994). Social support and social structure: A descriptive epidemiology. *Journal of Health and Social Behavior*, 35(3), 193-212. doi: 10.2307/2137276.
- Van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117(3), 387-403. doi: 10.1037/0033-2909.117.3.387.
- Vaughn, B. E., Coppola, G., Veríssimo, M., Monteiro, L. Santos, A. J., Pousada, G., ... Korth, B. (2007). The quality of maternal secure base scripts predicts children's secure base behavior at home in three sociocultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 31(1), 65-76. doi: 10.1177/0165025407073574.
- Vaughn, B. E., Waters, H. S., Coppola, G., Cassidy, J., Bost, K. K., & Veríssimo, M. (2006). Script-like attachment representations and behavior in families and across cultures: Studies of parental secure base narratives. *Attachment & Human Development*, 8(3) 179-184. doi: 10.1080/14616730600856008.
- Veríssimo, M. (s.d). Ficha de caracterização sociodemográfica. Unpublished manuscript.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J. C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Lisboa: Fim de Século.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, XXIII(2), 7-17. doi: -.
- Wais, D., & Treboux, D. (2003). *Current relationship attachment scripts: correlates and partner-specific contributions*. In H. Waters & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, cross-cultural, and behavioral links*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71(1), 164-172. doi: 10.1111/1467-8624.00130.
- Waters, E., Corcoran, D., & Anafarta, M. (2005). Attachment, other relationships, and the theory that all good things go together. *Human Development*, 48, 80-84. doi: 10.1159/000083217.

- Waters, E., Crowell, J., Elliot, M., Corcoran, D., & Treboux, D. (2002). Bowlby's secure base theory and the social/personality psychology of attachment styles: Work(s) in progress. *Attachment and Human Development, 4*, 230-242. doi: -.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001, April). *Are attachment script the building blocks of attachment representations?* Paper presented at the meeting of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, Retirado a 11 de dezembro, 2012, de
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8*(3), 185-197. doi:10.1080/14616730600856016.
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology, 71*, 211-234. doi: <http://dx.doi.org/10.1006/jecp.1998.2473>.
- Waters, H., & Rodrigues-Doolabh, L. (2004). Manual for decoding secure base narratives. Unpublished manuscript. State University of New York at Stony Brook.
- Wechsler, D. (2008). WAIS – III Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – 3ª Edição (Rocha, A. M., Trad.). Lisboa: CEGOC-TEA. (Obra original publicada em 1997).

**Anexos**

## Anexo A - Ficha de Caracterização Sociodemográfica (Veríssimo, s.d)

**Código:** \_\_\_\_\_ (a preencher pelo investigador)

Preenchido pela (o) Mãe \_\_\_\_\_ Pai \_\_\_\_\_

### 1. Caracterização da criança

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: Masculino  Feminino

Primeiro Filho: Sim  Não  Número de irmãos: \_\_\_\_\_ Lugar que ocupa na fratria: \_\_\_\_\_

Escola que frequenta: \_\_\_\_\_ Localidade: \_\_\_\_\_

Berçário  Creche  Jardim de Infância

Idade de início de frequência de creche/ jardim de infância: \_\_\_\_\_

Número de horas diárias que passa na creche/ jardim de infância: \_\_\_\_\_

### 2. Caracterização dos pais

Estado Civil: Casados  Divorciados/ Separados  União de Facto  Outros: \_\_\_\_\_

Idade da **mãe**: \_\_\_\_\_ Idade do **pai**: \_\_\_\_\_

Nacionalidade/Etnia da **mãe**: \_\_\_\_\_ Nacionalidade/Etnia do **pai**: \_\_\_\_\_

#### Habilitações literárias da **mãe**:

- Não sabe ler, nem escrever  1.º ciclo (1º ano – 4ºano)  2.º ciclo (5º - 6ºano)  
 3.º ciclo (7ºano – 9ºano)  Ensino secundário (10ºano-12ºano)  Bacharelato (3 anos)  
 Licenciatura (5 anos)  Mestrado (5anos+2anos)  Mestrado (3anos+2anos)  
 Doutoramento  Outras \_\_\_\_\_

#### Habilitações literárias do **pai**:

- Não sabe ler, nem escrever  1.º ciclo (1º ano – 4ºano)  2.º ciclo (5º - 6ºano)  
 3.º ciclo (7ºano – 9ºano)  Ensino secundário (10ano-12ano)  Bacharelato (3 anos)  
 Licenciatura (5 anos)  Mestrado (5anos+2anos)  Mestrado (3anos+2anos)  
 Doutoramento  Outras \_\_\_\_\_

### 3. Situação Profissional:

**Mãe** trabalha: Sim  Não  Tempo inteiro  Parcial

Nº de horas semanais: \_\_\_\_\_

**Pai** trabalha: Sim  Não  Tempo inteiro  Parcial

Nº de horas semanais: \_\_\_\_\_

Rendimento mensal/**família**: \_\_\_\_\_ €

Proveniência dos Rendimentos/Mãe:

Trabalho (Salário mensal)

Subsídio de desemprego

Rendimento Social de Inserção

Outros: \_\_\_\_\_

Proveniência dos Rendimentos/Pai:

Trabalho (Salário mensal)

Subsídio de desemprego

Rendimento Social de Inserção

Outros: \_\_\_\_\_

**4. Caracterização do Agregado Familiar**

Constituição do agregado familiar (Quem vive com a criança):

---

**Anexo B – Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado)**

**A Manhã do Bebê**

Mãe	Abraço	Urso de Peluche
Bebé	Sorriso	Perda
Brincadeira	História	Encontro
Cobertor	Fingir	Sesta

**No Consultório do Médico**

António	Pressa	Mãe
Bicicleta	Médico	Brinquedo
Ferida	Choro	Parar
Mãe	Injeção	Segurar

**O Acidente da Susana**

Susana	Espera	Casa
Estrada	Miguel	Jantar
Acidente	Lágrimas	Cama
Hospital	Médico	Abraço

**O acampamento da Joana e do Pedro**

Joana	Tenda	Fogueira
Pedro	Vento	Sombra
Bagagem	Queda	Barulho
Pressa	Preocupação	Abraço

**O Passeio no Parque**

Rita	Baloços	Cansaço
Bicicleta	Tapete de Areia	Sentar
Parque Infantil	Jogo	Banda Desenhada
Amigo(a)	Correr	Coca-Cola

**Uma Tarde nas Compras**

Ana	Passear	Fome
Carro	Comprar	Comida
Centro Comercial	Dinheiro	Conversa
Amigo(a)	Prenda	Casa



**Anexo C – Índice de Compreensão Verbal WAIS – III Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – 3ª Edição (Wechsler, 1997, Rocha, 2008)**

### 1. Completamento de Gravuras ⌚

<b>Tempo Limite</b> Duração máxima de exposição: 20 segundos para cada figura.	<b>Regra de Retrocesso</b> Se o sujeito obter a cotação de 0 pontos nos Itens 6 ou 7, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 5) em <b>sentido inverso</b> , até que alcance sucesso em 2 itens consecutivos.	<b>Critério de Interrupção</b> Após 5 <b>insucessos</b> consecutivos (itens cotados com 0 pontos).	<b>Cotação</b> Todos os itens são cotados com 0 ou 1 ponto.
---	--	---	--

Recomendações para o subteste Completamento de Gravuras (ver Capítulo 5 do Manual):  
 Cada uma das recomendações que se segue apenas poderá ser feita **uma única vez** ao longo da administração deste subteste:  
 Se o sujeito nomear o objecto que consta da figura, em vez de referir a parte omissa. ▶ "Sim, mas qual é a parte que falta?"   
 Se o sujeito mencionar uma parte que não aparece na figura (ex. no Item 8, "A mão que segura o jarro"). ▶ "Falta algo na figura. O que é que falta?"   
 Se o sujeito referir uma parte que não é essencial na figura. ▶ "Sim, mas qual é a parte mais importante que falta?"

Item	Resposta	Cotação (0 ou 1)	Item	Resposta	Cotação (0 ou 1)
1. Pente			14. Espelho		
2. Mesa			15. Cadeira		
3. Face			16. Rosas		
4. Pasta			17. Paca		
5. Combóio			18. Barco		
6. Porta			19. Cesta		
7. Óculos			20. Roupas		
8. Jarro			21. Cachimbo		
9. Aluquete			22. Vaca		
10. Falha			23. Sapatilha		
11. Tarte			24. Mulher		
12. Corrida			25. Cefeiro		
13. Lareira					

Pontuação Total Obtida (Máximo = 25)

### 2. Vocabulário

<b>Regra de Retrocesso</b> Se o sujeito obter a cotação de 0 ou 1 ponto nos Itens 4 ou 5, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 3) em <b>sentido inverso</b> , até que alcance a cotação máxima (2 pontos) em 2 itens consecutivos.	<b>Critério de Interrupção</b> Após 6 <b>insucessos</b> consecutivos (itens cotados com 0 pontos).	<b>Cotação</b> Todos os itens são cotados com 0, 1 ou 2 pontos.
--	---	--

Item	Resposta	Cotação (0, 1 ou 2)
1. Camião		
2. Pequeno-atomo		
3. Furo		

Copyright © 1997 by NCS Pearson, Inc., U.S.A. Copyright de adaptação portuguesa © 2008 by NCS Pearson, Inc., USA e CEGOC-TEA, Lisboa, Portugal. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro sistema de armazenamento ou recuperação, sem autorização escrita do editor. As infrações serão penalizadas nos termos da legislação em vigor. ESTE EXEMPLAR ESTÁ IMPRESSO EM TINTA AZUL. SE LHE APRESENTAREM UM EXEMPLAR A NEGRO OU NOUTRA COR É UMA REPRODUÇÃO ILEGAL.

**2. Vocabulário** (Continuação)  
Interromper após 6 insucessos consecutivos.

Item	Resposta	Cotação (0, 1 ou 2)
1. Inverno		
2. Barba		
3. Concluir		
4. Reparar		
5. Construir		
6. Serenidade		
7. Diferente		
8. Reunir		
9. Remorso		
10. Gema		
11. Ontem		
12. Santuário		
13. Confidância		
14. Pendente		
15. Compulsão		

**2. Vocabulário** (Continuação)  
Interromper após 6 insucessos consecutivos.

Item	Resposta	Cotação (0, 1 ou 2)
19. Avaliar		
20. Barafada		
21. Sociedade		
22. Sentença		
23. Designar		
24. Moralidade		
25. Audacioso		
26. Declamar		
27. Maglar		
28. Contenda		
29. Rentente		
30. Discriminar		
31. Tangível		
32. Epíleo		
33. Infamar		

Pontuação Total Obtida  
Somar cotações a partir do Item 1.  
(Máximo = 66)

### 3. Código

Tarefa de Codificação		Tarefa de Aprendizagem Incidental (opcional)		Tarefa de Cópia (opcional)	
Interromper após 120 segundos (ou 4 linhas completas)		Administrar as 2 linhas de itens		Interromper após 90 segundos	
Tempo Limite	120"	Pontuação		Tempo Limite	90"
Tempo Despendido		Emparelhamento	Máximo = 18	Tempo Despendido	
Pontuação Total Obtida	Máximo = 133	Memória Livre	Máximo = 9	Pontuação Total Obtida	Máximo = 133

### 4. Semelhanças

<p><b>Regra de Retrocesso</b></p> <p>Se o sujeito obtiver a cotação de 0 ou 1 ponto nos Itens 6 ou 7, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 5) em sentido inverso, até que alcance sucesso em 2 itens consecutivos.</p>	<p><b>Critério de Interrupção</b></p> <p>Após 4 insucessos consecutivos (itens cotados com 0 pontos).</p>	<p><b>Cotação</b></p> <p>Itens 1 a 5: 0 ou 1 ponto; Itens 6 a 19: 0, 1 ou 2 pontos.</p>
---	---	---

Item	Resposta	Cotação (0 ou 1)
1. Meias-Sapatos		
2. Casaco-Camisa		
3. Gafó-Colher		
4. Cão-Leão		
5. Amarelo-Verde		
6. Laranja-Banana*		(0, 1 ou 2)
7. Barco-Carro		
8. Piano-Tambo		
9. Tristeza-Algaria		
10. Mesa-Cadeira		
11. Olho-Ouvido		
12. Moseca-Árvore		
13. Ovo-Semente		
14. Vapor-Nevoeiro		
15. Poema-Estampa		
16. Democracia-Ditadura		
17. Trabalho-Jogo		
18. Hibernação-Migração		
19. Inimigo-Amigo		

\* Se o sujeito der uma resposta de 0 ou 1 ponto, fornecer um exemplo de uma resposta de 2 pontos.

Pontuação Total Obtida (Máximo = 33)



Copyright © 1997 by NCS Pearson, Inc., U.S.A. Copyright da adaptação portuguesa © 2008 by NCS Pearson, Inc., USA e CEGOC-TEA, Lisboa, Portugal. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro sistema de armazenamento ou recuperação, sem autorização escrita do editor. As infrações serão penalizadas nos termos da legislação em vigor.

ESTE EXEMPLAR ESTÁ IMPRESSO EM TINTA AZUL. SE LHE APRESENTAREM UM EXEMPLAR A NEGRO OU NOUTRA COR É UMA REPRODUÇÃO ILEGAL.

### 8. Memória de Dígitos

**Critério de Interrupção**  
Sentido Directo e Sentido Inverso

Após insucesso em ambos os ensaios de um mesmo item.

**Cotação**

- Por Ensaio: 0 ou 1 ponto por cada repetição incorrecta ou correcta, respectivamente;
- Por Item: Ensaio 1 + Ensaio 2.

**Recomendações para o subteste Memória de Dígitos:**

- Administrar ambos os ensaios de cada sequência, mesmo que o sujeito alcance sucesso no Ensaio 1.
- Administrar Dígitos em Sentido Inverso, mesmo que o sujeito obtenha uma cotação de 0 na tarefa de Dígitos em Sentido Directo.
- Administrar o(s) exemplo(s) em Dígitos em Sentido Inverso.

Item	Ensaio	Dígitos em Sentido Directo (versão reversa)	Cotação por Ensaio (0 ou 1)	Cotação por Item (0 ou 2)
Item 1	Ens. 1	1-7		
	Ens. 2	6-3		
Item 2	Ens. 1	5-8-2		
	Ens. 2	6-9-4		
Item 3	Ens. 1	6-4-9-9		
	Ens. 2	7-2-8-8		
Item 4	Ens. 1	4-2-7-3-1		
	Ens. 2	7-5-8-3-6		
Item 5	Ens. 1	5-1-9-4-7-3		
	Ens. 2	3-9-2-4-8-7		
Item 6	Ens. 1	5-0-1-7-4-2-8		
	Ens. 2	4-1-7-9-3-8-5		
Item 7	Ens. 1	5-8-1-8-2-6-4-7		
	Ens. 2	3-8-2-9-5-1-7-4		
Item 8	Ens. 1	2-7-5-8-6-2-5-8-4		
	Ens. 2	7-1-3-9-4-2-5-5-8		

**Total Dígitos em Sentido Directo (Máximo = 16)**

Item	Ensaio	Dígitos em Sentido Inverso (versão reversa)	Cotação por Ensaio (0 ou 1)	Cotação por Item (0 ou 2)
Item 1	Ens. 1	2-4		
	Ens. 2	5-7		
Item 2	Ens. 1	6-2-9		
	Ens. 2	4-1-5		
Item 3	Ens. 1	3-2-7-9		
	Ens. 2	3-8-6-8		
Item 4	Ens. 1	1-5-2-8-6		
	Ens. 2	6-1-8-4-3		
Item 5	Ens. 1	5-3-9-4-1-8		
	Ens. 2	7-2-4-8-5-8		
Item 6	Ens. 1	8-1-2-9-3-6-6		
	Ens. 2	4-7-3-9-1-2-8		
Item 7	Ens. 1	9-4-2-7-6-2-5-8		
	Ens. 2	7-2-8-1-9-6-5-3		

**Total Dígitos em Sentido Inverso (Máximo = 14)**

**Pontuação Total Obtida**  
Dígitos em Sentido Directo + Dígitos em Sentido Inverso  
(Máximo = 30)

### 9. Informação

**Regra de Retrocesso**

Se o sujeito obtiver a cotação de 0 pontos nos Itens 5 ou 6, aplicar os itens precedentes (Itens 1 a 4) em sentido inverso, até que alcance sucesso em 2 itens consecutivos.

**Critério de Interrupção**

Após 6 insucessos consecutivos (itens cotados com 0 pontos).

**Cotação**

Todos os itens são cotados com 0 ou 1 ponto.

Item	Resposta	Cotação (0 ou 1)
1. Sábado		
2. Bola		
3. Ano		
4. Meses		
5. Terminismo		
6. Lusitania		
7. Perdo-sol		
8. Sahara		
9. Leonardo da Vinci		
10. Jogos Olímpicos		
11. Venezuela		
12. Ferver água		
13. Sonoma		
14. Curdo		
15. Cheopara		
16. T. de Relatividades		
17. Continentes		
18. Livro do Génesis		
19. Mahatma Gandhi		
20. Ct.)		
21. Suécia		
22. Grupos sanguíneos		
23. Catarina a Grande		
24. Dróvina Comerça		
25. Marie Curie		
26. Poderes constitutivos		
27. Velocidade da luz		
28. Habitantes		

**Pontuação Total Obtida (Máximo = 28)**

Copyright © 1997 by NCS Pearson, Inc., U.S.A. Copyright de adaptação portuguesa © 2008 by NCS Pearson, Inc., USA e CEGOC-TEA, Lisboa, Portugal. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro sistema de armazenamento ou recuperação, sem autorização escrita do editor. ESTE EXEMPLAR ESTÁ IMPRESSO EM TINTA AZUL, SE LHE APRESENTAREM UM EXEMPLAR A NEGRO OU NOUTRA COR É UMA REPRODUÇÃO ILEGAL.

**Anexo D – Escala de Satisfação com o Suporte Social (Pais-Ribeiro, 1999, 2011)**

Código: \_\_\_\_\_ (a preencher pelo investigador)

Data de realização: \_\_\_\_\_

Mãe  Pai 

A seguir vai encontrar várias afirmações, seguidas de cinco letras. Marque um círculo à volta da letra que melhor qualifica a sua forma de pensar. Por exemplo, na primeira afirmação, se você pensa quase sempre que por vezes se sente só no mundo e sem apoio, deverá assinalar a letra “A”, se acha que nunca pensa isso deverá marcar a letra “E”.

	Concordo totalmente	Concordo na maior parte	Não concordo nem discordo	Discordo na maior parte	Discordo totalmente
1-Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
2-Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
3-Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
4-Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
5-Mesmo nas situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
6-Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntimo que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
7-Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
8-Gostava de participar mais em atividades de organizações (p.ex. clubes desportivos, escuteiros, partidos políticos, etc.)	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
9-Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a minha família	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
10-Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
11-Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
12-Estou satisfeito com a quantidade de amigos que tenho	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
13-Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
14-Estou satisfeito com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
15-Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>

## Anexo E – Carta de Apresentação aos Jardins de Infância



Exmo. Sr.

No âmbito do projeto de investigação: *Dad's Involvement: is it just "cool and trendy" or does it really matter?* gostaríamos de pedir a sua colaboração para a realização do mesmo.

Este projeto, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Lígia Monteiro, Prof. auxiliar no ISCTE-IUL, tem como objetivo analisar o papel do pai no contexto familiar (e.g. o modo como participam em diferentes atividades relativas aos cuidados e educação dos seus filhos) e o seu impacto no desenvolvimento social das crianças

Uma vez que a família funciona como um sistema, pediremos a colaboração de pais e mães. A recolha de dados consiste na entrega de questionários aos pais de crianças a frequentar o jardim de infância, a realização de uma pequena entrevista com as figuras parentais, e caso estas aceitem a filmagem de uma interação lúdica entre pais/crianças. Será solicitada a colaboração das educadoras para o preenchimento de 1 questionário sobre a adaptação social das crianças ao contexto escolar.

Os questionários serão entregues, presencialmente, às educadoras após uma breve explicação do projeto e entregues por estas aos pais. Os questionários serão, posteriormente, recolhidos, em data a combinar, junto das educadoras/escolas.

Sublinhamos que a confidencialidade e o anonimato dos dados são garantidos. Os pais poderão desistir a qualquer momento da sua participação no projeto, que apenas terá início após o consentimento informado, assinado pelos mesmos.

Para qualquer esclarecimento necessário estamos ao Vosso dispor nos seguintes contactos:

Lígia Monteiro – Gabinete 101 – Aula Autónoma, Extensão: 71101. e-mail: lmsmo@iscte.pt

Irina Branco

Atenciosamente e ao Vosso dispor,

Lígia Monteiro, PhD

## Anexo F – Consentimento Informado/Pedido de Autorização



Professora Doutora Lúcia Monteiro

Exmos. Srs.

No âmbito dos projetos de investigação *“Dad’s Involvement: is it just “cool and trendy” or does it really matter?”* realizado no ISCTE-IUL vimos por este meio solicitar a Vossa autorização para integrar o(a) seu(sua) filho(a) no estudo em questão, bem como pedir a Vossa participação no mesmo.

Este projeto visa analisar dois contextos de desenvolvimento centrais para as crianças: a família e o grupo de pares, dado continuidade ao trabalho de investigação que tem vindo a ser realizado pela Investigadora Principal, nos últimos anos.

A recolha de dados será realizada por: Irina Branco, Ana Catarina Rodrigues, Joana Mendes, Inês Tavares alunas de Mestrado que desenvolvem o seu trabalho nesta área.

Passamos a apresentar, de forma sucinta, os 3 momentos nos quais se desenrolará o estudo:

- a) Preenchimento de questionários pela mãe e pelo pai de modo independente.
- b) Participação da mãe e do pai (separadamente) numa pequena entrevista e num momento de brincadeiras com o seu filho(a) que será filmada. Se os pais o desejarem ser-lhes-à dada uma cópia da mesma.
- c) Preenchimento de um questionário por parte da educadora da sala onde a criança se encontra.

A sua participação é voluntária, podendo retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal ou profissional. Não estão previstos riscos ou custos associados à participação neste estudo. Como benefícios, destacamos o forte contributo para esta área de investigação, com impacto na sociedade em geral, através da obtenção de novos conhecimentos.

Sublinhamos, ainda, que a confidencialidade dos dados está garantida e que as imagens recolhidas serão apenas e exclusivamente utilizadas com fim científico e pela equipa de investigação supracitada. Saliente-se que todos os membros da equipa assinaram um documento de confidencialidade. Os participantes não serão identificados em qualquer relatório ou publicação.



O projeto foi submetido à Comissão de Ética do ISCTE-IUL, tendo dela obtido um parecer favorável, salientando-se o cumprimento das boas práticas de conduta em investigação.

Ao dispor para qualquer esclarecimento, junto dos seguintes contactos:

Lúgia Monteiro – Gabinete 101 – Aula Autónoma, Extensão: 71101. e-mail: lmsmo@iscte.pt

Irina Branco

Atenciosamente e ao Vosso dispor,

Professora Doutora Lúgia Monteiro

Lisboa,

---

Eu, abaixo assinado, Encarregado de Educação de \_\_\_\_\_, autorizo a participação do meu filho(a) no âmbito dos Projetos de Investigação “*Dad’s Involvement: is it just “cool and trendy” or does it really matter?*” tendo sido informado(a) dos objetivos e características do mesmo, assim, como da necessidade da utilização de filmagens, declaro que:

Autorizo a participação \_\_\_\_\_

Não autorizo a participação \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201

Contacto Mãe: \_\_\_\_\_

Contacto Pai: \_\_\_\_\_